

# Sete

histórias de negro



Ubiratan Castro de Araújo

# Sete histórias de Negro





## **Universidade Federal da Bahia**

### **Reitor**

Naomar de Almeida Filho

### **Vice-Reitor**

Francisco José Gomes Mesquita



## **Editora da Universidade Federal da Bahia**

### **Diretora**

Flávia M. Garcia Rosa

### **Conselho Editorial**

Angelo Szaniecki Perret Serpa

Carmen Fontes Teixeira

Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti

Fernando da Rocha Peres

Maria Vidal de Negreiros Camargo

Sérgio Coelho Borges Farias

### **Suplentes**

Bouzid Izerrougene

Cleise Furtado Mendes

José Fernandes Silva Andrade

Nancy Elizabeth Odonne

Olival Freire Júnior

Sílvia Lúcia Ferreira

# Sete histórias de Negro

**Ubiratan Castro de Araújo**

Academia de letras da Bahia

Edufba  
Salvador - 2006

©2006 by  
Direitos para esta edição cedidos à Editora da  
Universidade Federal da Bahia.  
Feito o depósito legal.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, sejam quais forem os meios empregados, a não ser com a permissão escrita do autor e da editora, conforme a Lei nº 9610 de 19 de fevereiro de 1998.

Capa, Projeto Gráfico e Ilustrações  
Lúcia Valeska de Souza Sokolowicz

Revisão Editorial  
Tânia de Aragão Bezerra

Biblioteca Central Reitor Macêdo Costa - UFBA

A663 Araújo, Ubiratan Castro de.  
Sete histórias de negros / Ubiratan Castro de Araújo ; [prefácio de João José Reis]. -  
Salvador : EDUFBA, 2006.  
86 p. : il.

ISBN 85-232-0404-0

1. Contos brasileiros. 2. Literatura africana (Português). 3. Literatura folclórica. 4.  
Contos folclóricos. I. Título.

CDU - 821(81)-34  
CDD - 869.3

EDUFBA  
Rua Barão de Geremoabo, s/n Campus de Ondina  
40170-290 Salvador Bahia  
Tel: (71) 3263-6160/6164  
edufba@ufba.br www.edufba.ufba.br

## **Sumário**

Prefácio	7
Introdução	11
Conta de somar	17
A bananeira	27
Guarda cívica	35
Samba em Berlim	43
Visitante indesejado	55
Dona Maria Cachorra	65
O protesto do poeta	73





## Prefácio

---

João José Reis

Ubiratan Castro de Araújo, mais conhecido como Bira, é um admirável narrador de histórias. Até agora sua fama como tal se restringia à narrativa oral na sala de aula, nas mesas de bares e restaurantes. Bira gosta de contar histórias, piadas e incidentes do cotidiano, aos quais acrescenta um tempero especial de graça, irreverência, inteligência e imaginação. Para nosso deleite, o contador resolveu agora colocar o preto no branco, e nos oferece o banquete dessas *Sete histórias de negro*, onde consegue transferir o talento de sua oralidade para o exercício da escrita.

Bira é também palestrante e professor de História inspirado e provocador. Nesse ramo seu prato predileto é a história do negro, em particular a história de suas lutas no tempo da escravidão. Mas nosso autor é daqueles que têm opinião formada sobre um leque muito grande de questões do passado e do presente, e portanto seria difícil enquadrá-lo como especialista de algum assunto. É um intelectual humanista. Mas, claro, sabe mais sobre certas coisas. Como pesquisador, tem publicado a respeito da abortada Revolta dos Búzios (ou dos Alfaiates) na Bahia, em 1798, e sobre a participação do negro no movimento da independência e outros episódios de rebeldia baiana. Já publicou ensaios sobre história econômica, seu principal interesse no início da carreira, e sua alentada tese de Doutorado na Sorbonne, onde cobre muitos temas sobre a Bahia no século XIX, aguarda tradução para ser publicada entre nós.

Nos contos agora reunidos combinam-se o contador de histórias e o historiador. Em todos eles sobressaem episódios e personagens que, quando não são “verdadeiros” no sentido estrito, são verossímeis porque podem perfeitamente ter existido, (inclusive os espíritos da sessão mediúnica no último conto), ou têm no mínimo uma sopro de autenticidade no contexto em que foram colocados. Se os arquivos

estão cheios de ficção, como sugeriu a historiadora Nathalie Davis, a literatura tem muito da realidade.

Os contos de Bira apresentam personagens que a máquina do escravismo e do racismo tentou triturar com maior ou menor intensidade e sucesso, mas o leitor não vai encontrar aqui um mero rosário de lamentações. Tal como aparecem na historiografia recente da escravidão, os personagens deste livro não se deixaram vencer facilmente, não se apresentam como vítimas absolutas, mas também não são heróis imbatíveis. São homens e mulheres que reagem, negociam, resistem, atacam, se juntam solidários, às vezes vencem, outras perdem, raramente desistem.

Nesse sentido é exemplar a sabedoria do escravo africano Satu diante do senhor desonesto, uma jóia rara de tradição oral que tenho certeza será doravante citada com frequência nos livros e aulas de História. A idéia geral é bastante conhecida da historiografia da escravidão no Brasil e alhures – o escravo que se finge de bobo pra fazer o senhor de bobo – mas, aqui encontramos um caso refinado, perfeito, desse estilo sutil, debochado e inteligente de resistência escrava. Já no conto seguinte acompanhamos o sofrimento dos homens vitimados pelo tráfico transatlântico de escravos, que transportou poucas mulheres que eles pudessem amar, casar (ou se juntar) e formar famílias. Como nosso autor sugere, o banzo masculino pode em grande parte ser esclarecido por aí: saudade das mulheres africanas. Através da ficção abre-se uma pista importante para os historiadores do escravismo.

Terminada a escravidão, a história do negro se desdobraria em tentativas mais ou menos sistemáticas de sua exclusão da cidadania, tema explorado nos demais contos. Barrados na entrada de uma guarda cívica republicana, não sem protesto veemente do sapateiro Manuel Firmino, os negros entrariam na Força Expedicionária Brasileira contra o nazifascismo, vencendo os loiros alemães para dissabor dos vizinhos racistas de Irineu, o hábil pedreiro e bravo soldado.

Uma guerra mais difícil de vencer – e ainda em curso – seria aquela contra o desemprego, o sub-emprego, a fome. Nesse caso, a derrota era muitas vezes evitada por mecanismos de solidariedade familiar. Mas nem sempre. Seguindo um enredo comum, o medo da fome fez a família de Dona Maria enviá-la ainda pequena do interior para servir uma família na capital. Depois de usar a menina, a família transfere sua posse – num caso típico de prolongamento da escravidão após a abolição – para um português avaro, que usufrui do trabalho de Maria sem remunerá-la, abusa dela sexualmente e depois a abandona por uma patricia que havia deixado pra trás em sua terrinha.

Os personagens de Bira não se congelam na linha justa de uma narrativa politicamente pragmática. Se quiserem mais história, agora cultural, ei-los se movimentando no ambiente animado de ruas, becos, bairros, cinemas, candomblés, igrejas e centros espíritas de Salvador, ei-los enquanto meninos a desfrutar da sexualidade criativa dos subúrbios, outros a falar a linguagem original dos baianos, ou a envergar brim cáqui inglês e portar bigode finamente aparado com navalha alemã, ou ainda a comer do melhor e do pior.

Esses pedaços de vidas de negros pobres e remediados, recriados por Bira, lhe chegaram como parte de narrativas ouvidas dos mais velhos da família, ou como coisas que testemunhou na infância ou então foram extraídas de encontros e experiências que teve já adulto. São, como ele diz, parte de suas memórias mais e menos remotas, memórias que ele sugere sejam incorporadas a um repertório mais amplo do acervo narrativo do negro brasileiro. Aqui assoma o compromisso com a luta contra o racismo que faz parte da biografia do nosso autor há algumas décadas. A militância, no entanto, não controla o resultado literário. O historiador que relativiza a experiência humana, sua personalidade atrevida e seu engajamento político se encontram com desenvoltura na sessão mediúnica que encerra este livro, um memorável encontro entre o caboclo Ypiranga e o espírito de Castro Alves. Esse encontro

simboliza bem o aspecto da experiência do autor mais saliente neste livro saboroso: sua circulação desenvolve-se entre o popular e o erudito, entre cultura oral e escrita.

## Introdução

---

Aeroporto Internacional Amílcar Cabral, Ilha do Sal, Cabo Verde, 13 de setembro de 2004. A longa espera por uma conexão que me levará a uma outra conexão, que me levará finalmente ao Brasil, deu-me o preci-ocioso tempo para revolver minhas lembranças. Esta revolução nada tem a ver com as espetaculares transformações que habitualmente acompanham as revoluções sociais e políticas. Experimento uma pequena revolução, no sentido astronômico do termo, ou seja, o giro de um corpo em torno de seu próprio eixo. Eis-me aqui, negro em África sem ser africano, negro brasileiro fora do Brasil. No fim das contas, um negro em trânsito, cujo eixo é tão somente o meu HD de memória. Ainda há pouco, ao longo de quatro dias de seminário dedicado à memória do líder africano Amílcar Cabral, fixou-se em minha cabeça uma palavra de ordem de sua autoria: “Pensar com a sua própria cabeça, a partir de suas próprias experiências”.

Pensar com a minha própria cabeça! Lá isto ainda é possível. Felizmente, a idade ainda não danificou os neurônios vitais da minha área cerebral de memória. Em uma circunstância em que minha âncora é o meu próprio banco de memória, fico insatisfeito com a escassez das lembranças de nossas próprias experiências negras.

Não sou mal agradecido ao meu ofício de historiador. A História vem alimentando a nossa memória coletiva com os relatos do protagonismo dos africanos e dos seus descendentes. Quilombos, revoltas urbanas, combates e batalhas classificam-se organizadamente em contextos, em períodos, segundo regiões e etnias. Há uma História do Negro no Brasil, constituída dentro dos melhores parâmetros internacionais, e o seu ensino é obrigatório em todas as escolas do país, desde 9 de janeiro de 2003, quando o Presidente Lula sancionou a Lei 10.639. Ao nosso talento de trabalhadores da História, tem cabido animar os relatos,

construídos a partir do traço frio e distante dos documentos. Mais do que nunca concordo com Jules Michelet, que nos classifica como vampiros do sangue dos mortos. Falta-nos o viço dos relatos de experiências presenciais.

Olho para a literatura e vejo alguma coisa, porém não muito. Vejo Mestre Didi, Alapinin, supremo sacerdote do culto de Eguns, que relembra o seu cotidiano de menino do Axé Opô Afonjá, armando afoxé, tomando bronca de sua venerável mãe, Dona Senhora, relatando os contos africanos que ouviu dos mais velhos e, sabiamente, deixando a racionalidade antropológica e filosófica para a sua douta esposa. Vejo em Jorge Amado outro exemplo ilustre, relatando as suas experiências de intelectual comunista, convivendo unha-com-carne com sindicalistas, candomblezeiros, pescadores, biriteiros, bregueiras, e até esposas de farmacêuticos, todos pretos, todos baianos. Vejo, com alegria, que a Ialorixá Mãe Beata de Yemanjá registra, com sabedoria, as suas lembranças.

Volta-me à cabeça o desafio de Amílcar Cabral. Emerge uma convicção desafiadora: cada negro letrado no Brasil tem a obrigação de sistematizar as suas próprias lembranças. A experiência de cada um é um trecho de realidade vivida, de muita valia para nós mesmos e para outros. Isto justifica a ousadia de trazer a público sete histórias transmitidas em um contexto de oralidade familiar. São histórias do ordinário, do cotidiano, de homens e mulheres comuns, negros todos.

A primeira história, **Conta de somar**, foi-me relatada por minha mãe, Dona Belinha, que a ouviu da minha avó, Dona Malvina, que a ouviu do pai dela, professor Manoel Pedro. Assim, eu soube que a grande maioria dos escravos da cidade do Salvador saiu do cativeiro graças a muito trabalho, muito adjutório e muita inteligência. Poucos aproveitaram da Lei de 13 de Maio de 1888. Quando lemos Luis Anselmo da Fonseca, confirmamos que, na Cidade do Salvador, a grande maioria da população escrava saiu do cativeiro graças ao seu

próprio empenho. Depois da derrota da Revolução dos Malês, em 1835, acabou-se o tempo dos alevantes. Liberdade só com alforria, alforria custava caro, os senhores sempre jogavam sujo na barganha. A esperteza de Satu era também um exemplo de como o preconceito poderia ser usado contra o discriminador. Para os senhores de escravos e seus admiradores, era cristalinamente evidente a incapacidade mental dos negros em geral e dos escravos em particular. Fazer conta, como, se nem ler sabiam?

A segunda história, **A bananeira**, também da tradição oral familiar, é duplamente exemplar, reveladora de um grande sofrimento e transmissora, também, do preconceito contra o homem negro. Por um lado constata-se que uma das dimensões perversas da escravidão foi a emasculação do homem africano no cativo. A abstinência sexual era um castigo maior para guerreiros, patriarcas e polígamos africanos. Metade do banzo não se explica pela falta d'África e sim pela falta de Mulher. Ao mesmo tempo, o conto propaga o terrível preconceito de que este homem reprimido era, presumivelmente, um potencial agressor sexual, que usava do feitiço como arma insidiosa para o estupro. A leitura dos jornais do século XIX e do começo do século XX revela um consenso construído pela polícia, segundo o qual todas as festas de candomblé não passavam de monumentais orgias sexuais, em que estes homens usavam os feitiços e as beberagens como instrumentos de uso e abuso de suas vítimas.

A terceira história, **A guarda cívica**, resulta da composição entre o relato familiar e a pesquisa histórica. Desde cedo soube da revolta, da decepção e dos irreparáveis danos sofridos pelo meu bisavô, abolicionista e republicano entusiasmado, resultantes da implantação da República na Bahia. Muito depois, pesquisando a coleção de jornais da Biblioteca Central do Estado da Bahia, localizei os exemplares do jornal *A República Federal*, correspondentes aos dias 16 e 17 de dezembro de 1889, de onde extraí a base factual do conto: a recusa do alistamento

de dois cidadãos negros na primeira instituição republicana, criada pelo governo provisório em 1889, na Bahia.

A quarta história, **Samba em Berlim**, contém as lembranças de minhas conversas com o finado Irineu, ex-precinha da FEB, mestre de obras e morador da Vila dos Ex-Combatentes, em Itapuã. O contexto político que emoldura os relatos de um Ex-Combatente foi tecido a partir dos relatos familiares sobre grande medo que se propagou entre negros e operários baianos, nos anos 30 e 40, quando os simpatizantes do nazi-fascismo, trouxeram para a luta política e social a questão racial. Segundo estes relatos, no bairro onde nasci, a Saúde, os fascistas chegaram a divulgar a existência de listas com o nome de comunistas, negros e operários que seriam eliminados pela gravata-vermelha, caso a Alemanha de Hitler ganhasse a guerra. Neste contexto, explicava-se o entusiasmo das famílias com as notícias das vitórias aliadas, anunciadas a toques de corneta pelo Repórter Esso, da Rádio Nacional.

A quinta história, **O visitante indesejado**, traduz o grande medo que assolava as famílias negras da Bahia no meu tempo de criança. A fome, transformada em personagem do cotidiano, rondava ameaçadora todas as casas, trazendo a todas elas o sofrimento e a humilhação. Seu nome era Bernardo, o visitante indesejado. Contra ele, era preciso fé e solidariedade.

A sexta história, **Dona Maria Cachorra**, conta um caso de injustiça e sofrimento que marcou a minha infância. De fato, foi o meu primeiro contato com a tragédia. O despedaçamento público, inexorável, inegociável e irremediável de uma mulher negra e pobre, despertou-me para os padecimentos da condição feminina no Brasil. Quantas e quantas mulheres negras continuam morrendo de amor?

A sétima história, **O protesto do poeta**, é pura brincadeira com o tempo histórico, em sua sucessão irreversível de dia após dia. Se para a História o anacronismo é um pecado mortal, para a organização da memória coletiva pode ser um instrumento útil e agradável. Somente em um



lugar mágico de uma sessão mediúnica, onde os mortos conversam com os vivos, seria possível uma comunicação entre as experiências de luta pela liberdade, no passado e no presente. Para tanto, vali-me de lembranças familiares do Espiritismo Kardecista e de convivências com o Movimento Negro contemporâneo.

Sete Histórias de Negro são a minha contribuição para a tarefa de todos nós para a consolidação da memória do povo negro no Brasil. Por volta dos anos oitenta, o historiador Ruggiero Romano afirmava que o trabalho dos historiadores era a permanente reorganização da memória dos povos. Pois que assim seja. Negros, trabalhemos!



# CONTA DE SOMAR





No Mercado do Ouro, o dia começa bem cedo. Um aboio cortante ecoa na escuridão.

Ê mingau! De ta-pi-ó-ca!

A humidade e o lusco-fusco da madrugada dão dramaticidade ao pregão de Tia Constança, uma negra reforçada, de cara bolachuda e de coração também imenso. Nunca deixou um parente africano sem um caneco de mingau. E não era qualquer mingau. Era o famoso mingau de Constança. Segunda-feira era mungunzá, terça-feira era mingau de milho, quarta-feira era arroz doce, quinta-feira era de carimã, e sexta-feira era de tapioca. Sábado, pra variar, ela trazia beijú molhado, coberto de coquinho ralado, enrolado na folha de banana. Nesse dia, ela trazia também um café preto em um caburé.

Em volta do panelão de Constança formava-se logo uma rodinha. Eram negros de ganho, estivadores, canoieiros do porto e alguns capoeiras valentões. Os caixeiros portugueses mandavam os moleques de recado comprar furtivamente as jarras de mingau.

Ê mingau! De ta-pi-ó-ca! Apregoava a Tia.

- Ê, lá vem o Ambrósio Bico Mole!

Instala-se um silêncio de missa de sétimo dia. O mulato Bico Mole chega cheio de bossa. Chinelo de bico fino, calça de fustão da tropa de linha, bonezinho de feltro e um escandaloso dente de ouro. Pior é que todo mundo sabe como ele ganhou aquele dente. Ele era espia de polícia, mais precisamente do inspetor de quarteirão do Pilar. Delatou um alevante de nagôs que se reuniam no Caminho Novo. Deu-se de

amizade com uma criatura do grupo e descobriu a preparação de uma fuga para o quilombo da Ilha de Maré. Era um sujeito perigoso. Chegou procurando conversa, jogando verde para colher maduro.

- Alô malta, quando é que tem um amalá no quilombo?

Todo o mundo desconversou, ninguém deu ousadia. Algumas pessoas murmuraram:

-Dedo duro!

-Cagüete de polícia!

Ele ficou tão escabiado que saiu de fininho na direção do cais. Passado o perigo, voltou a animação do bochicho. Em meio a risadas, Tia Constança deu uma gaitada gostosa. Com a mão na boca, meio sorrindo, ela exclamou:

-Merda, merda pura!

- Agora vocês vão ter que me contar. Todo mundo está rindo, menos eu.

Para atender à curiosidade de Pé-de-Vento, sisudo capoeira da turma de Besouro, Tia Constança dispôs-se a contar o sucedido.

Era a história da esperteza do Velho Satu, um tio-da-costa, capitão do canto de carregadores nagôs; na Preguiça.

Por falar nele, ei-lo que aparece em carne e osso, na rodinha do mingau. Era um homem forte, alto, passado dos 50, rosto comprido, marcado por três lanhos de cada lado. Mancava da perna direita, o que não comprometia o seu passo forte de carregador de ganho. Agora um homem livre, de cabeça erguida e sorridente, o Tio Satu escolhia os carretos e fazia preços para todos os patrícios de nação nagô. Seu orgulho de liberto era que nenhum deles carregava branco na cacunda. Agüentar ovo de branco no pescoço, isso nunca mais. Eles não eram montaria.

-Êim parente, esse povo quer saber a história do pote de merda!

- Ói parente, quem conta um conto aumenta um ponto!

- Não vou tirar nem por, parente,vai ser tudo tim-tim por tim-tim.

E começou o relato.

\* \* \*

Tio Satu vinha juntando uns cobrinhos há mais de três anos para comprar a sua alforria. Era o ganhador que chegava mais cedo no cais da Preguiça. Carregava de tudo com firmeza e com cuidado. Pela qualidade de seu serviço, ganhava muitas gratificações. Certa vez chegou a ganhar cem mil réis por ter carregado toda a louça e cristais para o palacete de uma baronesa, em Santa Clara do Desterro. Carregou até uma pianola para a casa de um judeu que morava perto do convento de Santa Teresa. Todo esse dinheirinho era escondido em um pote de barro, enterrado no quintal da casa do senhor, na Rua Direita da Saúde. O que mais lhe doía no cativeiro era entregar o resultado do seu trabalho ao Major Bandeira, seu senhor. Este era um sujeito miserável. Pertencia a uma raça de traficantes da Costa D´Africa, gente impiedosa e muito ignorante. O fruto do seu trabalho sustentava a vagabundagem de Zezito, filho único do tal Bandeira, um eterno estudante de Medicina. Era do tipo flautista. Jamais passou do segundo ano. Na Faculdade nunca punha o pé. Sua vida era a flauta, o violão, a cachaça e as francesas da Rua de Baixo. Começou a dar sinais de tísica, o que fez o Bandeira aumentar a pressão sobre Satu. Ele queria sempre mais e mais. Satu, muito esperto, justificava sempre o jornal que entregava ao senhor pelo seu baixo rendimento, devido ao seu defeito físico. Por ser da Costa d´África, aproveitava para falar errado, fingindo ser um boçal. Assim, nunca entendia direito uma ordem, e quando prestava conta do serviço, falava tão embolado que atrapalhava os ouvidos do senhor.

- Ai sinhô! Nêgo de pouca valia. Nêgo puxa de perna. Tomba prum lado, tomba pro outro, trupica, e lá vai, os carrego cai, quebra as coisa, os pôvo castiga nêgo. Serviço bom vai pros outro!

- Tá bom nêgo, não tenho tempo para aturar a sua lenga-lenga. Fique certo que estou de olho em você, preto descarado! Se estiver me roubando, vai levar uma surra de cipó-caboclo de tirar o couro!

Seu Bandeira seguia os rastros do Tio Satu, à cata de dinheiro escondido. Era como um gato faminto atrás de um rato.

Quando o pote de Satu, cada dia mais cheio, chegou ao montante de um conto de réis, justamente o valor médio de uma alforria de escravo no ganho, arte do cão! o Bandeira achou o pote enterrado no fundo do quintal. Tranqüilamente tirou todo o dinheiro. Afinal, dinheiro de escravo era dinheiro do senhor. Enterrou-o de novo, e passou a ostentar um sorriso sacana de vitória.

Satu não sabia o que fazer. Com a cabeça pegando fogo, procurou a Constança e pediu conselho.

-E agora? Não posso pedir satisfação nem queixar na polícia. Que droga, Satu é cativo!

- Parente, dê um ebó pra Xangô, tome um banho de folha e esfrie a cabeça.

Constança mesmo fez todos os aviamentos. Preparou um banho de dandá, arruda, vence-tudo, tira-teima, espada de Ogum e água do alevante.

Recuperada a tranqüilidade, Satu voltou pra casa com a cara mais abestalhada que conseguiu armar. Procurou o major e foi logo dizendo:

- Sinhô, nêgo muito burro!

- É claro nêgo. Todo nêgo é burro!



- Sinhô, nêgo não saber conta. Sinhô, um conto com mais um conto, bota junto ou bota separado?

- Que história é essa de conto, nêgo? Onde você viu um conto de réis, nêgo?

- Sinhô, nêgo não viu conto, nêgo pergunta: um conto com mais um conto, bota junto ou bota separado? Difíci, difíci pra cabeça de nêgo.

- É claro que é difícil. Vocês da Costa d'África são todos umas bestas quadradas, muito embrutecidos, por isso são escravos!

E sorriu mais uma vez vitorioso. Rapidamente o major pensou com os seus botões: – o Satu devia ter mais um conto réis escondido em outro lugar e, se não encontrasse o dinheiro que ele havia roubado, não colocaria a outra quantia no mesmo lugar. Ele, sim, era um homem inteligente, um senhor de escravos! Ia ganhar dois contos na maior moleza.

- Nêgo, você é ignorante mesmo. Um conto com mais um conto, bota junto pra virar dois contos, entendeu seu energúmeno!

- Sim sinhô, Deus te ajude. O sinhô tá ensinando nêgo a fazer conta.

Major Bandeira não teve dúvidas. Pegou o conto de réis, devolveu ao pote e enterrou-o no mesmo lugar. No dia seguinte voltaria para lucrar 100%.

Durante a noite, Satu fez o que tinha que fazer. Desenterrou o pote, recuperou o seu conto de réis. Para dar uma resposta ao senhor inteligente, espremeu-se todo e obrou dentro do pote, tampou e enterrou de novo. Fez mais. Chamou toda a turma do Mercado do Ouro para estar atrás do muro dos fundos do quintal da Saúde.

De manhã, bem cedo, com o de costume, Bandeira bateu um pratão de feijão com fato, bebeu uma caneca de café preto. Da cozinha mesmo tomou o caminho do quintal para recuperar o que acreditava ser seu. Abaixou-se com dificuldade, cavou, cavou, até descobrir a tampa do

pote. Destampou-o. Estava tão ávido que nem reparou no conteúdo. Meteu a mão até o fundo e com força. A merda subiu pelo seu braço até quase o ombro!

- Uh, uh!, fiau, fiau! Quá, quá, um conto com mais um conto, quanto é Bandeira? !

A vaia foi monumental. De trás do muro a galera do Mercado do Ouro vibrou. Que inteligência daquele arrogante senhor! E todos se embrenharam pela roça do Hospital Santa Isabel, seguiram pelo Rio das Tripas, até as Sete Portas, onde festejaram com uma talagada o “conto do Satu”.

\* \* \*

A rodinha do mingau exultou. Todos riram muito. Pezão, um capoeira gaiato, chegou a mijar nas calças. Todos tomaram mais uma caneca por conta de Constança. Pé-de-Vento, no entanto, nascido no dia de São Tomé, perguntou incrédulo:

- E ficou nisso só, Bandeira ficou de braços arriados?
- Claro que não, respondeu Constança.

Lá mesmo, nas Sete Portas, Satu passou o dinheiro para a guarda de Constança. Escondeu-se em um dos caçuás que esvaziara quiabos na feira, e partiu para o quilombo da Engomadeira. Lá, um filho de Xangô era sempre bem-vindo.

O Sinhô Bandeira ficou virado no Cão. Ainda melado, brandia o cipó-caboclo, em busca do seu escravo para surrá-lo. Chamou a polícia, chamou os vizinhos, ofereceu até 50 mil réis para quem trouxesse o Satu. Não se sabe bem se pelo feijão-com-fato, se pela raiva, ou se por castigo dos orixás, Bandeira sentiu-se mal, ficou todo torto e dormente do lado direito. O povo da rua disse que foi o vento que passou! O

imprestável do Zezito nem se mexeu. Ficou chorando na cabeceira do pai.

Constança não cruzou os braços. Procurou Seu Pânfilo, um homem letrado, da turma dos abolicionistas. Ele seria o advogado de Satu. De boa conversa, ele convenceu o Zezito a aceitar um conto de réis pela alforria de Satu. Afinal, este era um valor muito bom por um escravo velho e capenga. Pai e filho partiram para Feira de Santana, uma vila de bons ares, para o tratamento do derrame de um, e da tísica do outro. E assim Satu pôde voltar para o seu canto da Preguiça, liberto e altivo.

- Sujeito porreta! - concluiu Pé-de-Vento.

---

**Alevante** - Expressão popular de levante, rebelião, revolta. Os socialmente inferiores e os governados deveriam sempre abaixar a cabeça perante os poderosos. Quando alguém era muito subserviente era chamado de corcunda, pois nunca mais conseguiria erguer a cabeça. Quando alguém encarava o superior de frente, era um ato de rebeldia.

**Alforria** - Carta de alforria. Documento atestando a libertação de uma escravo, obtido mediante compra ou por doação.

**Banho de folha** - banho de purificação com folhas e ervas cozidas, que integra os rituais do Candomblé.

**Bater um prato** - Comer muito e com avidez.

**Boçal** - africano que não falava português, em oposição a ladino escravo que falava português.

**Caburé** - vasilha de barro para café.

**Caçuá** - grandes cestos de cipó, colocados um de cada lado de um animal, jegue ou burro.

**Cacunda** - Cangote, corcunda. Tipo de transporte urbano individual que usava o homem como montaria. Sobreviveu a expressão popular de altanería: – Ninguém monta em meu cangote ou na minha cacunda!

**Cagüête** - Delator.

**Canto de carregadores** - lugares na cidade em que se reuniam os carregadores de ganho. Cada etnia africana tinha seu canto. Cada canto tinha um capitão, que negociava preços e serviços com os fregueses.

**Cobrinhos** - Moedas de cobre, dinheiro miúdo.

**Ebó** - Oferenda a um Orixá, na tradição iorubá.

**Mungunzá** - mingau de milho branco, com leite de coco, também chamado de canjica no sul do país.

**Parente** - tratamento usual que os africanos dispensavam entre si, substituindo o pronome da 1ª e 3ª pessoa do singular. Por exemplo: – Como vai parente?, – Cuidado parente!, – Parente vai lhe ajudar.

**Passar o vento** - Derrame cerebral.

**Quilombos** - aldeias resistentes de negros que fugiam dos locais de cativeiro.

**Tropa de linha** - Exército. Permanência no vocabulário da organização militar colonial, em que a primeira linha de combate era a tropa regular; a segunda linha eram as tropas de milicianos civis comandados por civis; e a terceira linha, as ordenanças, cumprindo tarefas de polícia.

**Xangô** - Orixá da justiça na tradição iorubá. Simboliza a justiça. Historicamente, Xangô foi o quarto rei e organizador do Império de Oió, na Nigéria.



A BANANEIRA



O veraneio em Dias Dávila era uma delícia. Durante um mês de férias, experimentávamos uma vida inteiramente diferente da rotina de Salvador. O mais estimulante era a vida sem luz elétrica. Nada de geladeira ou de televisão; rádio, só o velho Transglobe de pilhas. O mais impressionante era o breu do interior. Se não havia lua, o escuro era total. No centro da vila, na rua, como chamávamos, o motor era desligado às oito. Apagava-se então o longínquo clarão, no raio de muitas léguas. No céu, as estrelas, e abaixo delas os vaga-lumes faziam a festa. Às vezes, uma intermitente luzinha ao longe, provocava um arrepio de medo. Era o boitatá, aliás, biatatá, na linguagem da Velha, minha mãe. No meio deste breu, ela nos contava casos de assombração.

\* \* \*

Logo depois da escravidão, ainda viviam na Bahia muitos tios-da-costa, velhos africanos de fala embolada, temidos pelos seus saberes mágicos. Assim era Tio Terêncio. Sempre cortês com as mulheres, tratava todas como “minha zifi”, ou seja, minha filha. Era o entregador de carvão mais querido em todas as quitandas da Saúde e do Santo Antônio. Foi escravo, comprou sua alforria à custa de muito trabalho e muita privação. Não voltou para a Costa D’África no navio da SociedadeProtetora dos Desvalidos, o famoso patacho Aurora, por considerar-se velho demais para começar vida nova. Morava só, em uma casinha de porta-e-janela, na Roça do Lobo.

Tio Terêncio era um homem de bom acomodar. No entanto, carregava todas as seqüelas da escravidão. Aliás, escravidão era cativo de homem. Os senhores do Brasil queriam braços para o trabalho pesado. As mulheres, para os serviços domésticos, eram um artigo de luxo. Por

isso, a maioria dos prisioneiros da senzala jamais teve chance de tocar em uma mulher. Assim era o Tio Terêncio, um homem muito só. Enquanto foi cativo, nunca se casou ou se amigou com ninguém. Afinal, para que dar cria para o cativo. De quando em vez, uma velha “parente”, assim se tratavam os africanos, fazia uma caridade ao “parente”. Mesmo assim, à custa de muita adulação. Afogar o ganso, só de caju em caju. Mas quem disse que a abstinência habitual matava o desejo? O Tio da Costa tinha um olhar muito pidão, especialmente para o lado de Lila, uma mulatinha sarará, de cabelo de ferro, amarelo-fogo como os fiapos do tronco da bananeira.

Cada dia que o Tio Terêncio encontrava com Lila na porta de uma quitanda, ele pedia com muita cerimônia:

-Mia Zifi, me dá uma mechinha do seu cabelo!

-Se aquiete, meu tio! Pra que você quer o meu cabelo?

E ele pedia sempre e sempre. Era uma obsessão. Diante de tanta insistência, Lila resolveu por um fim naquele assédio. Certo dia, no caminho da quitanda, ela arrancou muitos fiapos do tronco de uma bananeira, crespos e da cor do seu cabelo, fez um bolinho na mão como se fora uma mecha. Ao avistar o Tio Terêncio, Lila foi logo dizendo:

- Taí Tio, a mecha que o senhor me pede tanto!

O tio ficou radiante. Nem reparou no ninho amarelo. Segurou-o com as duas mãos, esqueceu todas as entregas de carvão e voltou correndo para casa. Invocou e incomodou todos os ancestrais, orixás e eguns. Não escapou nenhum. Seu pedido era muito claro. Que a dona daquele cabelo batesse à sua porta, à meia noite, de camisola! Aí o tio ia se esbaldar.



Nesse dia Tio Terêncio se produziu a caráter. Tomou um banho com sabão da costa, encharcou-se de água de cheiro, calção branco de morim e bata rendada da alvura das espumas. Cheio de tesão, mal tirava os olhos do relógio de algibeira. E essa meia-noite, como demorava! Por um momento passou por sua cabeça imprecar contra os orixás, logo ele que cumpriu todas as suas obrigações dos 7, dos 14 e dos 21 anos! Isso não! O respeito que dedicava aos seus ancestrais e a certeza do atendimento do seu pedido impediram a blasfêmia.

E os ponteiros do Roscof corriam com uma falta de pressa que parecia pirraça. A imagem daquela sarazinha rechonchuda, soltinha dentro de uma camisola de cambraia de linho... Valia a pena esperar.

Os ponteiros se juntaram, era meia noite. Batem na porta.

O tio salta da beira de sua cama, elástico como um leopardo, abre a porta e abraça a sua presa. Sentiu um corpo frio e roliço. Apurou as vistas e o que viu? Uma bananeira vestida de camisola!

Como em todo caso de terror contado pela Velha, a vítima caía dura, assombrada. E assim foi com o Tio Terêncio.

-Bem feito! Dizia ela. -Velho desassuntado, Vê se pode, incomodar Orixá pra se aproveitar de menina nova.

Fui dormir com a pulga atrás da orelha. Será que o velho tio-da-costa merecia aquele castigo?

\* \* \*

No veraneio, o dia era o extremo oposto da noite. Claridade desde as 6 da manhã. Ganhávamos o tabuleiro logo cedo. Havia muito que fazer. Banho de rio, pescaria de piaba, caçada de cobra e de rolinha fogo-pagô, um gol-a-gol, e na hora do descanso a turma sentava para conversar. Éramos meninos do mesmo tope, filhos de veranistas e nativos, filhos de ferroviários da Leste. Rolava papo de futebol, de cinema

e, com certeza, casos de putaria. Na verdade cada um contava suas experiências sexuais como forma de bravata e de afirmação de masculinidade.

Os meninos da turma da Ribeira, relatavam com orgulho as espetaculares provas das olimpíadas sexuais da península itapagipana: o arremesso de sêmen à distância, na Ponta de Humaitá e a bronha submarina, na praia do Bogarí. O mais excitante de tudo era a presença, à distância, de um público-alvo feminino, que fazia de conta que não estava olhando, mas torcia com fervor.

Os meninos do Santo Antônio, bairro muito carnavalesco, cantavam a trilha musical de uma boa manipulação em baixo da janela das irmãs dos outros:

É de micocó,  
É de conveniência,  
Não gasto meu dinheiro  
Nem pego doença.

Os colegas de Jacobina contavam mil e uma histórias de desaperto com cabritas e jeguinhas na beira dos barrancos. Até um sisudo companheiro, vindo de Poções, e que quase fora internado no Seminário, confessou ter incomodado algumas galinhas.

Para ser diferente, resolvi contar um caso de sacanagem de terror. Todos ouviram com atenção a desventura do Tio Terêncio. Reginaldo, um menino de Rio Real, última estação antes de Sergipe, tomou a defesa do tio e afirmou:

- Lá em minha terra, a gente cava o tronco da bananeira, fofa bem o buraquinho e... ferro na boneca!

Como se houvéssemos combinado, todos gritamos:

- Véio retado!

Diante desta reação diurna e masculina, revi o final do meu caso de terror. Bem que o tronco da bananeira podia ter um buraquinho sergipano. Do jeito que o Tio Terêncio estava a perigo, eu acho que ele se desapertou com a bananeira mesmo, sempre na intenção da sarará! E assim, eu aprendi que as histórias podem mudar de significado da noite para o dia.

---

**Afogar o ganso** - copular.

**Boitató, biatató** - Fogo fátuo que assombrava.

**Bronha** - Masturbação masculina.

**De caju em caju** - De ano em ano, na safra de caju.

**De micocó** - como mico, pequeno macaco, animal libidinoso que se masturba em público.

**Roscof** - Marca de um antigo relógio de bolso, relógio velho, ordinário.

**Sociedade Protetora dos Desvalidos (SPD)** - Primeira instituição de previdência no país. Fundada em 1832, pagava pecúlios, comprava alforrias, organizava viagens de volta à África. É atuante até hoje, e tem a sua sede no Terreiro de Jesus, em Salvador.

**Transglobe** - Grande rádio de pilhas, que sintonizava em ondas médias, longas e curtas.



# GUARDA CÍVICA





Manuel Firmino acordou diferente naquela terça-feira. Nem deu um beliscão na bunda de Roxinha. Ela reparou. Pulou da cama e espichou-se todo, em um longo espreguiço.

-É hoje! Exclamou radiante.

-Chame pelo nome de Deus, homem! Isso é lá maneira de começar o dia? Parece que está adivinhando passarinho verde.

- Qual é Roxinha, isto é fervor patriótico.

-Frevor de quê?

- De servir à Pátria, Roxinha!

- Ih! Não estou gostando nada dessas conversas...

- A Pátria é a República. O Treze de Maio já libertou os cativos. Agora é a igualdade. Tudo é tão bom quanto tão bom, assim me disse o Portuga.

- Tu é mesmo um desassuntado. Onde já se viu igualdade pra crioulo. Não tô vendo nenhum ordenança na rua, caçando recruta . Tá tudo quieto. O Imperador já juntou seus panos de bunda e se foi pra Portugal.Se tivesse guerra, iam precisar dos nêgo pra bucha de canhão.

Manuel Firmino não estava nem aí. O que Roxinha dizia, entrava por um lado e saía pelo outro. Ele estava entusiasmado com a conversa de Portuga, um republicano desterrado da Cidade do Porto. Ele acreditava que este era o caminho natural do Treze de Maio. A República significava que todos os cidadãos seriam iguais perante o

Governo. E os negros já não eram livres? Pois que seriam também cidadãos. Isso entusiasmava Manuel Firmino. Ele já não agüentava mais aquela história de gratidão à Princesa, Guarda Negra, bajulação ao Conde D'Eu. Se ele deu ou não deu, foi lá o dele!

Roxinha, no entanto, era encafifada, como uma boa filha de nêgo nagô.

-Se orienta, home! Isso aqui é lá Portugal? Quando que nesta terra de Pires de Carvalho, Bambochê vai ser igual?

Mas o negão estava encantado. Cidadão brasileiro, quem diria!

Desde a posse de Manuel Vitorino no Governo Provisório da Bahia, ouvia diariamente os trechos da "Gazeta" e do "Diário" sobre o novo regime, pela voz do correligionário português. Um dos assuntos mais palpitantes era a criação de uma Guarda Cívica. Além do policiamento de Salvador, ela seria uma tropa de representação, para desfiles e solenidades. No dizer do governador, era a própria face da República. O alistamento era voluntário, para o qual o governo conclamava todos os cidadãos, dando-lhe um caráter de apoio popular ao novo regime.

As lojas da cidade faziam reclame nos jornais do material de fardamento para a guarda: botas italianas, espadas francesas etc... Muitos cidadãos ilustres, médicos e advogados, alistavam-se para o serviço da guarda. Muitos eram os estrangeiros que se apresentavam ao alistamento, dentre eles o Portuga, que chegou a encomendar uma botina na tenda do Manuel Firmino.

Para não ficar pra trás, nem no patriotismo, nem no lustro da botina, Firmino preparou-se para o alistamento. Mexeu seus pauzinhos com os amigos de Caetité e conseguiu as recomendações do deputado abolicionista César Zama e do juiz Dr. Cândido Leão. Apurou na botina nova, mandou Roxinha engomar nos trinques um terno de brim cáqui inglês, chapeuzinho de palha na cabeça, barba feita, bigodinho fino



aparado com navalha alemã, saiu saltitante que nem deu um cheiro na Roxinha. Afinal, todos os seus sentidos estavam voltados para a República.

\*\*\*

No dia 16 de dezembro de 1889, um mês e um dia após a proclamação da República na Bahia, o jornal oficial do governo, "A República Federal", estampava o escândalo em primeira página. Dois homens pretos haviam sido recusados como voluntários para a Guarda Cívica. Em depoimento concedido ao repórter do jornal, o comandante da guarda, o Major Salvador Pires, declarava que a recusa se justificava por motivos estéticos. Por serem pretos, eles provocariam uma deformidade na tropa, principalmente nos desfiles e cerimônias oficiais. Dizia ele:

- Se pelo menos fossem mulatos disfarçados...

O redator do jornal era o dr. Virgílio de Lemos, um advogado republicano de idéias positivistas radicais. O seu editorial fez jus à sua fama. Protestou veementemente contra aquele ato, que segundo ele enlameava a República. Recusar o serviço voluntário de pessoas em razão da cor da pele era coisa do regime imperial. No novo regime, todos eram cidadãos brasileiros. E também os negros. Relembrou os relevantes serviços prestados à nação pelos homens de cor, seja na Guerra de Independência, seja na Guerra do Paraguai. Sua indignação era maior ainda pelo fato de terem sido aceitos estrangeiros e recusados nacionais em um alistamento para um corpo militar que deveria ter a cara do Brasil. Por fim, pedia providências ao excelentíssimo governador do Estado para desfazer aquele equívoco.

No dia seguinte, no mesmo jornal, uma nota lacônica desmentia a matéria do dia anterior. O repórter enganara-se ao recolher as declarações do Major Comandante. Lia-se apenas que os motivos da recusa foram "bem outros", apesar de os candidatos serem bem

recomendados. A matéria encerrava-se com a declaração, do próprio governador, de que o major comandante estava prestigiado. E só.

O governador levou à frente a formação da Guarda. Ela era o exemplo de reorganização do Brasil através da disciplina metódica da força armada, substituta da Igreja na civilização das gentes. E o que se viu, em janeiro, foi a truculência da tal Guarda Cívica, ao pé da Ladeira do Bonfim, dissolvendo a coronhadas de carabina o cortejo da Lavagem. Para o governador, não havia lugar para manifestações como aquela em um Brasil republicano, disciplinado e progressista.

\*\*\*

Palmas, batidas na porta. Uma voz melosa gritava:

-Roxinha, abra a porta!

O beco inteiro entrou em reboição. Aquele era um fato novo. Nunca se tinha ouvido falar de Manuel Firmino em águas,daquele jeito. Bêbado, trêbado, quase quadrúpede, foi amparado por Roxinha, que o botou pra dentro de casa, morta de vergonha.

Outra vez a porta se abriu. Entrou esbaforido o Tuíca, aprendiz de sapateiro na tenda do Firmino. Deitado em uma velha cama chamada marquesa, com a cabeça no colo de Roxinha, Firmino dizia frases desencontradas, das quais se destacava a exclamação:

- Rebanho de cornos!

Tuíca contou o sucedido, aliás, o mal-sucedido. Manuel Firmino e Memeuzinho de Nenga, um serralheiro com tenda na Ladeira da Conceição, tinham ido alistar-se no quartel da Guarda Cívica, no antigo Hospício de Jerusalém, na Rua Democrata. Foram expulsos de lá, que nem cachorros sarnentos. Injuriados, procuraram todos os amigos do tempo do abolicionismo. O assunto foi parar nas páginas dos jornais.

Os dois passaram a noite toda, de casa em casa, juntando gente para o protesto. No outro dia, reuniram-se em um boteco, embaixo do Parafuso do Lacerda.

E a boataria chegou como vento. O governo havia desmentido tudo pelo jornal. O bochicho na cidade era que o motivo da recusa dos dois não era a cor, mas os maus costumes. Um sujeito da estiva, cheio de birita, foi logo dizendo em tom de esculhambação:

- Vejam só, dois nêgos pretos, enfeitados que nem jegue na Lavagem do Bonfim, foram se alistar na guarda do governador. O comandante foi logo dizendo que os dois moleques eram falsos ao corpo, em português claro: eram pederastas, e que não havia lugar para chibungagem na tropa. Estes eram os “outros motivos” de que falava o jornal.

Que mentira deslavada. O Major Comandante havia realmente dito que eles eram retintos, pretos demais para a corporação.

Começou então a risadaria, ninguém mais ouvia os protestos dos prejudicados. O sangue subiu pra cabeça de Memeu, que sacou da navalha e, de um só golpe, degolou o estivador. Fora de si, o capoeirista saiu pela rua, distribuindo pernada em todo ser fardado que encontrava. Quebrou dois marinheiros de porrada e torceu o pescoço de um soldado de polícia. Subiu a Ladeira da Conceição e, em frente à sua tenda, foi abatido a tiros de revólver por um delegado. Ficou lá, estendido, filete de sangue ladeira abaixo, mal coberto o rosto com o seu próprio paletó. Firmino encheu a cara e correu pros braços de Roxinha.

-Rebanho de cornos! Repetia. - Porra de República!

- Eu não te disse?- retrucava Roxinha - você nem quis me ouvir!

Tirou as botinas do marido escornado, botou mais carvão no fogareiro, esquentou água para um banho morno. Afinal não ia deixar o seu homem dormir assim, humilhado, sem nenhum chamego.

Com a voz rouca de raiva, ela murmurou:

- Tá tudo entregue ao Orixá!

---

**Birita** - forma abreviada de gibirita ou giribita, nome corrente de cachaça, em Angola, no tempo do tráfico de escravos.

**Chibungagem** - ação de chibungo.

**Chibungo** - Corruptela de quibungo. Personagem dos contos tradicionais africanos. Grande rinoceronte, com um buraco nas costas, por onde comia crianças. Por extensão, pedófilo.

**Em águas** - embriagado.

**Mexer os pauzinhos** - fazer um pedido a políticos.

**Ordenança** - tropa de polícia que fazia o recrutamento.

**Parafuso** - elevador hidráulico. Parafuso da Conceição foi o primeiro nome popular do Elevador Lacerda.

# SAMBA EM BERLIM





Seu Irineu era um mestre de obra de mão cheia. Bem verdade que gastava um pouco mais de cimento do que o necessário. No entanto, garantia que laje feita por ele nunca selou, nem parede sua nunca trincou. Ademais, estava acostumado a construir trincheiras e fortificações militares. Ele era um ex-combatente da Segunda Guerra Mundial, reformado como Terceiro Sargento do Exército.

Na hora do rancho, quando ele me explicava os detalhes técnicos da obra e, principalmente, justificava os custos de material e de pessoal, também sobrava um tempo para me contar suas aventuras de pracinha da FEB, na Itália.

Aos dezoito anos, Irineu já era um pedreiro completo em sua arte, um verdadeiro oficial de colher, pedreiro de massa fina, apto para qualquer serviço de reboco ou de estuque. Resolveu deixar sua Tobias Barreto, em Sergipe, para tentar a vida na Bahia. Foi acolhido por sua tia, Dona Mocinha. Era uma criatura muito pacata e prestativa, que morava em uma casinha de porta e janela, situada na Travessa Zumbi dos Palmares, uma ruela que liga a Rua do Jenipapeiro à Rua Direita da Saúde, única em toda a cidade do Salvador que lembra o líder do Quilombo.

Irineu chegou na Bahia em tempo de guerra. Os ânimos andavam exaltados. Os integralistas do bairro ainda não se haviam recuperado do golpe de Getúlio, que alimentou-lhes todas as esperanças e depois decretou o fechamento da Ação Integralista, em 1937. Em repique, apoiavam ostensivamente a Alemanha nazista, o que lhes valeu a denominação de “quinta-colunas”, ou seja, a coluna inimiga que apunhalava o Brasil pelas costas.

De fato, tudo faziam para desmoralizar o esforço de guerra brasileiro. Certa feita, em dia de parada militar, espalharam a notícia do ataque de um submarino alemão em Itapuã, o que provocou uma desordenada

correria. Era a evidência da fragilidade de nossas defesas e da incapacidade das Forças Armadas brasileiras em caso de um ataque real.

Em outra ocasião, quando foi decretado o blecaute em Salvador, mandaram para a Alemanha a informação de que a terceira janela do 2º. Andar da Secretaria de Agricultura, que dava para o mar, permanecia com a luz acesa durante toda a noite, graças à incompetência de um funcionário. Isso valeu um comunicado debochado da rádio alemã, em emissão para o Brasil, advertindo as autoridades militares baianas sobre este furo na defesa e ameaçando bombardear a Secretaria de Agricultura. Isto era a guerra psicológica adversa. Para eles, o Brasil em guerra era uma piada!

A desmoralização do soldado brasileiro fazia parte do programa político dos quinta-colunas. A composição racial do nosso povo era o pretexto. Para eles, o soldado brasileiro era geneticamente incapacitado para a guerra moderna.

-Só faltava essa invenção do Getúlio! Onde que esses soldados negros e mestiços seriam capazes de enfrentar os perfeitos soldados do exército alemão, os mais belos exemplares da raça pura, ariana, superior e disciplinada?

Para humilhar a tropa, diziam que Getúlio havia feito acordo com Roosevelt para fornecer cozinheiros e limpadores de latrina para o exército americano na Europa.

Todos os dias, de manhã cedo, Irineu passava pela venda do Cecílio, na esquina da Travessa Zumbi dos Palmares com a Direita da Saúde, para comprar a sua bóia do meio-dia. Era comida de pedreiro, ou melhor, comida de mata-engenheiro! De preparo rápido, para ser feita e comida em uma hora de almoço. Tinha que ser também suficientemente indigesta, para ficar rolando no estômago até o fim do serviço. Era a carne de sertão, ponta de agulha, com três dedos daquela



gordura amarela. Ao receber a quenteira, liberava o óleo que temperava a carne e que animava o fogo de papel de jornal. Também era freqüente o bacalhau de barrica, conservado na salmoura de azeite doce português. Nem carecia de muito fogo. O jogo era rápido. Bastava chameuscar o bacalhau, jogar uma medida de azeite de dendê cru por cima e dar uns sopapos de farinha de mandioca para fazer o bolo. Para ajudar a descer, um bom gole de cachaça de Santo Amaro... Depois, era só esvaziar todas as moringas de água. Comia-se tudo com todo o sal e com toda a gordura.

-Benza Deus, era preciso ser muito macho pra enfrentar esse rojão!

Irineu não se metia em política. Ele veio de Sergipe para trabalhar, juntar uns trocados e mandá-los para a Véia. Um dia ainda haveria de comprar uma terrinha em Tobias Barreto. Pouco se lhe dava Getúlio, a guerra, os comunistas e os integralistas se engalfinhando... O que mais o irritava era ter que ouvir todos os dias, de manhã cedo, na hora de comprar os sagrados ingredientes de seu rancho, a cantilena das galinhas-verdes.

Primeiro era o ódio a Getúlio, que tinha todos os defeitos. Depois, era aquele endeusamento da raça-pura. Os alemães eram os melhores do mundo em tudo: mais fortes, mais inteligentes, melhores soldados. Geraldo, chofer da Samdu, fazia discursos afetados contra os aliados.

- Os franceses já foram bons soldados- até porque ganharam a Primeira Guerra – mas hoje estavam degenerados pela sífilis e pelo comunismo. Que derrota humilhante aquela de 40!

- Os ingleses eram a pior raça que existia. Interesseiros, hipócritas, capitalistas, como os judeus, só pensavam em dinheiro.

- Americano, não era pra se levar a sério. O que eles sabem fazer é cinema, mas guerra não se ganha em Roliúde.

- Brasileiro, nem pensar! Está cientificamente provado que a alta incidência de sangue negro na população brasileira produz tipos malformados, tendentes ao crime e às taras sexuais. Assim lhe falaram os lentes da Faculdade de Medicina, que também eram os dirigentes da Assistência Pública. Isso era a mais pura Medicina Legal e Criminologia. Os mestiços brasileiros são bons para capanga e jagunço, para soldado, jamais!

- Aquilo me revoltava – dizia Irineu – mas eu não queria me meter em briga de venda.

\* \* \*

Um dia, desabou sobre sua cabeça a notícia da morte do primo Crisóstomo. Era um cabra trabalhador que nem ele. Juntou uns cobrinhos e pegou um vapor para Recife. Estava determinado a mudar de vida. Queria ajudar a mãe e as duas irmãs que ficaram em Sergipe. No meio do caminho, foi para o fundo do mar, junto com quase todos os passageiros do vapor. Soube, também, que isso foi obra de um submarino alemão.

O torpedeamento do Araraquara provocou uma comoção nacional. Os relatos de sobreviventes dão conta do massacre dos sobreviventes do naufrágio. O submarino alemão veio à tona, ligou os holofotes e metralhou os botes salva-vidas. Até hoje, quando fala do assunto, os velhos olhos embaçados de Seu Irineu ficam mareados.

- O meu primo não teve uma chance.

Isso foi a conta. A discussão política sobre a pureza das raças não lhe dizia respeito, mas matar primo seu era uma questão pessoal. O juízo de Irineu pegou fogo.

- Filhos de uma puta! Lá no meu interior isso não fica assim só! Isso tem forra!

Irineu jurou vingança. O sangue de Crisóstomo tinha que ser justificado com sangue de alemão, raça-pura, ariano, o escambau que fosse! No mesmo dia, largou a obra e foi ao Quartel General, no largo da Mouraria e alistou-se na FEB. Quando o assunto caiu no conhecimento dos intelectuais da venda de Cecílio, foi a maior esculhambação.

– Irineu soldado? Um moleque preto, analfabeto, troncho que nem só, carregador de balde de massa, nem pra cozinha de americano serve!

Irineu nem ouviu as provocações. Sua única idéia era vingar o primo. Comprou uma peixeira de cabo envernizado, batizou-a de Alemôa. Todo o dia ele amolava a faca, conversava com ela como se fosse gente. Como ele, ela devia estar preparada e convencida da vingança.

A Dona Mocinha, sua tia, arrancou os cabelos da cabeça. Rogou por todos os Santos para Irineu tirar aquela idéia do juízo. Fez até um ebó com Tia Muçula. Coitada, como se ainda tivesse alguma autoridade sobre o sobrinho, ameaçou mandá-lo de volta para Sergipe. Tudo de balde. Irineu agora pertencia à Nação. Quando ela mal pensou, ele já estava vestido na jéga do Exército, destacado para o Rio de Janeiro e embarcado para a Itália.

\* \* \*

Tudo era muito estranho naquela guerra. Muita ordem unida, muito treinamento, muita ciência. Para ele, aquilo tudo era besteira. Ele estava ali para fazer acabamento no inimigo. Tudo que ele precisava era de sua Alemôa bem afiada. O pior veio com aquele Sargento Peixinho. Ali sim, era um bicho ruim de corte, carne-de-cabeça, caxias que só. Confiscou a Alemôa, sob alegação de que peixeira não fazia parte do equipamento militar.

– Nem por isso perdi o gosto da vingança, confessou Irineu.

- Rei morto, rei posto. Dei o mesmo tratamento de primeira à minha baioneta. A bichinha estava como um fio de navalha. Quando soube que os americanos chamavam os raça-pura de Germany, batizei minha baioneta de Maria Germana, substituta de Alemôa.

Tiro pra lá, tiro pra cá, a guerra ia seguindo, até que um dia, lá estava ele, no meio da tropa brasileira, diante do Monte Castelo.

O relato dos acontecimentos de Monte Castelo deixa sempre Seu Irineu cheio de orgulho. Ele esteve lá. Ele ainda está lá. Ele vive este passado. São feitos heróicos que ninguém pode lhe tirar.

A tropa brasileira estava toda no pé do morro, em ponto de bala. Lá em cima, os raça-pura entrincheirados, pareciam mangar dos brasileiros. Irineu e os outros não entendiam porque tanta demora. O sargento falou que estavam esperando os aviões americanos, que não chegavam. Isso o irritava muito. Afinal, será que os quinta-colunas da venda de Cecílio tinham razão? Será que os brasileiros só prestavam para coadjuvantes de filme americano? Ah, isso não!

Logo em seguida, o sargento passou a contra-ordem:

- O General Zenóbio se retou. Com ou sem apoio aéreo ele vai tomar aquele morro na marra!

- Ele vai na frente, acenando um lenço branco. E enquanto a gente enxergar o lenço, a gente vai atrás.

Dito e feito. Quando Irineu viu aquele lenço branco na linha de frente, sentiu que a hora era essa. Agora eles iam ver o quanto valia o soldado brasileiro.

Que nem um sagüi, Irineu subiu aquele morro, caindo e levantando, rolando de banda, saltando de um lado pro outro, que nem contavam do Volta Seca, o único sobrevivente do bando de Lampião, que cumpria pena na Bahia.

E tome-lhe tiro!

Sem ninguém lhe mandar, deitou o mosquetão de banda e desembainhou a Maria Germana. Tirou o pino e mandou uma galinha pulando pra cima da trincheira dos gringos. A granada caiu muito acima do ninho das metralhadoras. Foi o tanto do inimigo se jogar no chão. Que nem um gato, num pulo só, Irineu estava dentro da trincheira do inimigo. Um nervosinho se levantou, com um parabellum na mão, e recebeu nos peitos uma lapada da Maria Germana. Foi um talho só, do pé do pescoço à espinhela. Um outro engraçadinho se levantou com o fuzil engatilhado e foi derrubado pelo fogo da infantaria brasileira. Os outros três da guarnição, quando viram aquele negão, com a Maria Germana querendo mais, levantaram com as mãos pra cima, gritando:

- Ai, Ai, Ai!

Em um segundo, tudo passou pela sua cabeça. No chão, dois estrebuchavam. Os três em pé, tremiam que nem vara verde. Um deles se mijou todo.

A confusão era grande, estampidos, explosão de morteiro, de granada, berros, gemidos, aquilo era terra em que filho chora e mãe não ouve! Nessa hora, Irineu ouviu uma voz de mulher no pé do seu ouvido:

- Vamos lá, Irineu, falta mais um. Vamos fazer uma cesariana naquele galeguinho dos óio azul, pra ver se nasce tripa!

Era o diacho da Maria Germana. Bebeu sangue e queria mais.

- Se aquieta, coisa ruim! Não sou matador, só vim fazer justiça. Um por um tá mais que bom!

Quanto mais Irineu gritava com Maria Germana, mais os alemães se apavoravam, pensando que era com eles. Era um tal de:

-Ai,ai,ai!

Nessa hora, felizmente, o Sargento Peixinho subia com o resto da companhia.

- Prisioneiros sob controle! Vamos embora, soldado, tem mais lá em cima pra gente pegar!

Imediatamente, jogou Maria Germana fora, pegou seu mosquetão e seguiu a tropa. Que alívio! Nunca imaginava agradecer tanto a presença do sargento. Já de cabeça fria, por um instante pensou:

- Esses são os superiores, os raça-pura? São uns ordinários que nem nós, não tem diferença, morrem e afrouxam do mesmo jeito. Naquele instante, não passou por sua cabeça nenhum pensamento de vitória ou de superioridade. Ele sentiu muita pena daqueles desinfelizes.

\* \* \*

A volta ao Brasil foi triunfal, passeata, romaria ao Bonfim, discurso de político. Irineu nem se abalou. Chegou em casa, tirou a farda e tomou o rumo da venda de Cecílio.

Geraldo Chofer estava lá, junto aos outros quinta-colunas, com uma cara de jegue sem pai. Irineu nem deu bola. Foi direto ao balcão e como um bom sargento, em voz alta, pediu com firmeza:

-Ô Cecílio, bota aí um Samba em Berlim!

Gaguejando, o italiano retrucou:

- Seu Irineu, que negócio é este de Samba em Berlim?

O soldado deu uma fungada de brabeza e explicou, tim-tim por tim-tim:

- Não sabe não, cabra? É branquinha brasileira, CA-CHA-ÇA, não sabe?, misturada com pretinha americana, CO-CA-CO-LA, não sabe?, fazendo acabamento em Berlim! Entendeu agora?

E ali, finalmente, terminou a sua guerra.

---

**Caxias** - sujeito cumpridor de todos os regulamentos; enquadrado; pessoa obcessivamente cumpridora de seus deveres.

**Comida que mata engenheiro** - comida de peão.

**Ebó** - oferenda aos Orixás.

**Fazer acabamento em alguém** - destruir; destroçar.

**Galinha pulando** - lançar granada; gíria militar.

**Jéga** - fardamento; gíria militar.

**Mangar** - ridicularizar.

**Na marra** - à força, de qualquer jeito.

**Parabellum** - pistola automática de grosso calibre.

**Peixeira** - grande faca de ponta usada pelos peixeiros.

**Quinta-coluna** - partidários da Alemanha nazista, no Brasil, durante a Segunda Guerra mundial.

**Samdu** - Serviço de Assistência Médica Domiciliar de Urgência.

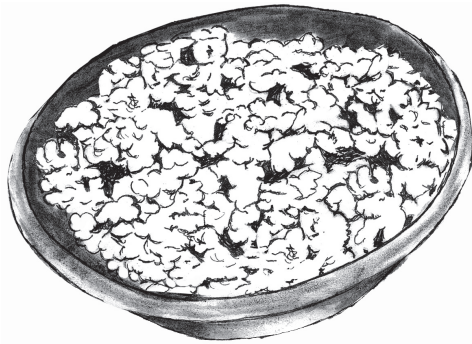
**Sagüi** - mico, pequeno macaco doméstico.

**Sopapo de farinha** - comer farinha com a mão; colocar uma poção de farinha na palma da mão e, de um só golpe, batê-la na boca.





# VISITANTE INDESEJADO





As rezas eram uma folia. A novena de São Roque da Tia Do Carmo rivalizava-se com a trezena de Santo Antônio da Tia Nininha. Cada noite de reza tinha um padrinho que financiava o mingau. Tia Do Carmo era viciosamente permissiva. Antes mesmo da reza, ela liberava generosos canecos de mungunzá para a garotada. Tia Nininha era, em oposição, opressivamente mandona. No Santantônio dela, quem não berrasse com fé: – Glo-ri-ô-ô-so San-an-tan-tô-nio, não tinha direito a mingau.

Depois da reza, tias, parentas e vizinhas, se reuniam para o salutar exercício de resenha da vida alheia. Elas cortavam, costuravam e bordavam desventuras, fraquezas e malfeitos de amigos e de inimigos. Só os presentes escapavam, enquanto aí estivessem. Para não serem entendidas, ou mesmo por pudor e superstição, usavam palavras e expressões estranhas ao nosso vocabulário. Ao invés de “botar chifre no marido”, elas falavam “serrar as canelas”. Por isso, todas as vezes que eu entrava na casa do vizinho, ficava olhando para as canelas dele, intrigado com a falta de cicatrizes. Dos frescos, dizia-se que eram “falsos ao corpo”. Os órgãos sexuais tinham nomes diferentes. O vaso feminino era conhecido como “a perseguida” e o aparelho masculino completo era denominado de “berloques de São Brás”.

Quando uma sobrinha grávida entrava na roda, todas riam muito e exclamavam:

-Menina, comeu feijão azedo!

A assembléia do DIVA (Departamento de Investigação da Vida Alheia) ficava triste, quando o assunto era a visita de Bernardo à casa de um parente ou conhecido.

-Bernardo está na casa de fulano há três dias.

Todas tremiam.

Bernardo era o substitutivo da palavra que não se podia pronunciar: fome. Este era o grande terror de todas as famílias. Ela era epidêmica, como na crise de 1929. Ela era sazonal, no tempo do paradeiro, meses em que não se exportava cacau em Salvador. Ela era terrível em momentos de doença e morte nas famílias.

Bernardo também andava mancomunado com os maus procedimentos. Maridos cachaceiros, que se desempregavam para cair na gandaia, deixavam a família aos cuidados de Bernardo. Homens mulheristas, espécies de mulherengos militantes, gastavam o dinheiro com as raparigas e não levavam pra casa senão seus próprios “berloques”. Nestes casos, algumas não se continham e saía o palavrão:

-Pica pura dá gastura!

\* \* \*

Alguns casos mereciam atenção especial. As freqüentes visitas de Bernardo à casa do Tio Bené eram o motivo de debates apaixonados. Esta era a principal bandeira de luta do temido PCC, o Partido Contra Cunhadas. A culpada de tudo era Vilma, coitada. Era uma mulher muito educada, muito atenciosa com todos, mas chegada a dindinha, ou seja, preguiçosa. Ela, a cunhada, tinha transformado o valoroso ex-sargento do Corpo de Bombeiros. Ela o obrigou a dar baixa da Bomba, porque chorava o tempo inteiro, com medo que o seu amado se acidentasse em algum incêndio. Tudo fingimento, diziam as militantes do PCC. O que as cunhadas não podiam esconder era o grande carinho que um demonstrava pelo outro. Eles formavam um belo casal. Ambos de boa altura, de pele bem escura e lustrosa, cabelo preto, bem liso

como o dos caboclos, eram da qualidade que o povo chama de Cabo Verde. Mas nem isso escapava da língua das cunhadas.

-De que adianta tanto amor sem responsabilidade?

-Fizeram 10 filhos que não podem criar.

- E, mais a mais, Bené não se compreende que é preto – dizia a feroz tia Nininha. Pensa que está em Roliúde pra viver de romance...

Depois de trabalhar com a sogra, em uma barraca de comida, no Mercado Modelo, Tio Bené voltou a viver do seu ofício de carpinteiro, trabalhando em domicílio. Levantava cumieiras, consertava móveis, repregava assoalhos e escadas. Sua fraqueza era a clientela. Trabalhava para um público pobre e de renda instável. Recebia muitos calotes e os fregueses demoravam de pagar. Esta incerteza o tornava um cliente indesejado para os agiotas. A única salvação eram as irmãs.

De vez em quando aparecia uma prima, meio excitada e muito envergonhada, chamava minha mãe no canto, e murmurava:

-Tia, Bernardo está lá, há dois dias.

Essa notícia colocava a família em cheque. Como descobrir sobra em um orçamento tão regrado e todo comprometido? A solução mais freqüente era a gavetinha da máquina Singer. Parecia mesmo que a única utilidade das costurinhas que minha mãe fazia era socorrer os irmãos.

Aquelas visitas doíam muito. Havia um sentimento de revolta e solidariedade com os queridos primos, que não podia se manifestar por meio de nenhum gesto ou atitude pública. Afinal, os vizinhos não deviam perceber nada. Aquilo era um segredo de família. Ficava, também, um sentimento de culpa. Porque eu era tão gordo e os meus primos recebiam tantas visitas de Bernardo?

\* \* \*

Outro caso doloroso era o da Tia Zefinha. Nossa tia-avó tinha mais de 80 anos, a mais velha da família. Ela era magrinha, de cabelos lisos e grisalhos, penteados em uma rodilha presa por longos grampos, atrás da cabeça. Exímia costureira, tinha o dom de transformar roupa velha em roupa nova. Costurava pra fora, mas também costurava em domicílio. Por força de sua profissão, passava longas temporadas nas casas das brancas da Barra. Justiça seja feita, ela sempre foi fascinada pela Casa Grande. Nascida ainda no tempo da escravidão, absorveu todos os preconceitos contra os negros. Ela discriminava ostensivamente as irmãs, sobrinhas e sobrinhos netos de pele mais escura.

Racismo à parte, era uma velhinha fascinante. Viúva sem filhos, desenvolveu a arte de contar histórias da carochinha e histórias do tempo antigo, o tempo da escravidão. A pequena loja de subsolo em que morava, na Rua do Desterro, era um verdadeiro baú de preciosidades. Para as meninas, as grandes tentações eram as caixinhas de costura, muito arrumadinhas, delicadamente enfeitadas, cheias de miudezas. Também faziam sucesso as antigas revistas de moda, em sua maioria francesas, com fotos de manequins e “debuxos” de vestidos. Para os meninos, a paixão eram livros de contos de fadas e a fabulosa coleção dos fascículos de uma revista chamada *Eu Sei Tudo*, tradução brasileira da *Que Sais-je?* Ela também guardava uma coleção completa do *Tesouro da Juventude*.

Era uma velha sábia. Mesmo assim Bernardo a perseguia. Desde a morte de seu marido, o marceneiro João Guarani, criou uma relação de clientela com uma família da Barra. Passava dias e mais dias remontando, encurtando e ajustando velhas roupas a novas modas e a novos corpos. O pagamento variava sempre em função da sorte do dono da casa, no jogo. Segundo o *DIVA*, a casa dele vivia sempre aberta à jogatina. Até a honra da filha foi jogada na mesa do carteador. Apesar de tudo, nunca lhe faltou o sustento, nem a pose de rico. Para Tia Josefina, faltava.

Muito orgulhosa, ela jamais pedia nada, apenas recolhia-se à sua casinha. Os parentes procuravam visitá-la com freqüência para detectar os sinais da visita de Bernardo. De vez em quando, ela era seqüestrada por algum sobrinho, para a alegria das crianças. Quando menos se esperava, ela fugia, sempre alegando o chamado de sua vasta freguesia. Um outro caso provocava uma verdadeira guerra fria na assembléia feminina, as simpatizantes dos russos comunistas contra as fascinadas habituês do cinema americano.

João da Cruz era um grande militante sindicalista, membro filiado e dirigente do Partido Comunista. Era um negro alto, cabelo cortado à escovinha. Orador de verve tão empolgante quanto o Padre Sadoc, se admitirmos a verdade sociológica que Stalin representava para um o que Jesus Cristo representava para o outro. Estava sempre à frente das greves do sindicato e dos comícios e pichações de paredes organizadas pelo Partido. Nos anos da Aliança Nacional Libertadora, era o intrépido lançador de galinhas pintadas de verde nos comícios dos integralistas. Por sua militância, era um homem marcado pelo Dops e conhecido de todos os secretas do bairro.

A segurança para tanto arrojo era a certeza que o Partido cuidava do sustento e do bem estar de sua mulher e de sua filha, nas eventualidades de prisão ou de clandestinidade. Pois bem, essa não era a experiência de sua mulher Alzira e de sua filha Olga.

Lá um dia, João da Cruz sumiu de casa. Isto aconteceu logo depois do bate-boca entre Juraci e Prestes no Congresso Nacional. O presidente Dutra aproveitou a oportunidade para cassar o registro do Partido Comunista. Iniciava-se um novo ciclo de perseguições, que incidiram imediatamente sobre João, que era muito visado. Logo no primeiro dia, apareceu um companheiro de partido, de codinome Berto. Disse que fora designado para dar assistência à família de João. Falou, falou, falou. Para não perder a viagem, foi logo dando uma entradas meio ousadas para o lado de Alzira, que o repeliu na tampa.

- Onde já se viu? Procurar ousadia com a mulher de um revolucionário! Não sou eu que vou dar o pretexto a nenhum burguês reacionário chamar meu marido de corno!

-Que é isso camarada! Você entendeu mal. E nunca mais apareceu.

Também os vizinhos e conhecidos se afastaram, com medo de ficarem visados. Os investigadores de polícia, conhecidos como secretas, vigiavam permanentemente a casa, de tal forma que mãe e filha se sentiam em prisão domiciliar.

Um visitante conseguia furar o bloqueio policial: Bernardo. Nos três primeiros dias, acabaram-se o feijão, a farinha e a carne do sertão. Sobrou um pouco de café e um saco de milho-alho, bom de fazer pipoca. E durante sete dias elas tomaram chafé com pipoca. Olguinha choramingava muito.

-Atotô, meu pai Omolu, não me abandone!

Em um sábado de manhã, bateram na porta. Era Pezão, filho de Abigail, a irmã mais velha de Alzira. Tinha vindo da feira de São Miguel, onde comprara os aviamentos para uma obrigação de orixá. Ele foi logo comentando:

- Cadê Tio João? Não estou gostando nada da cara de vocês. Vocês estão de Bernardo?

As duas não disseram nem que sim, nem que não. Sorrindo sem jeito, não escondiam a vergonha.

Pezão foi embora muito constrangido. Lá pelas 4 horas da tarde, ele apareceu de novo.



-Minha mãe está precisando de ajuda, pra festa de Omolu. Ela sabe que Tio João não gosta de Candomblé, mas ele nem está aí, não é? Olhe, minha tia, lá na roça não tem luxo não. É comida braba. Tem o Sobe-e-desce! É água, carne de sertão, quiabo e abóbora, subiu, desceu, comeu!

Olguinha riu muito. Alzira juntou os panos, pegaram o bonde do Retiro e deixaram Bernardo sozinho em casa.

\* \* \*

Na minha infância, nunca tive medo de diabo nem de inferno. Medo mesmo era de Bernardo. Por isto, saía das rezas muito confiante e vitorioso. Afinal, quando o francês São Roque se juntava com o nagô Omolu, botavam o tal Bernardo pra correr.





DONA MARIA CACHORRA



Os meninos da rua entraram em estado de algazarra: berros, gritos, assovios, apupos, gaitadas. Corro à janela, curioso, e com uma ponta de vontade de participar da folia. Alegria igual só podia anunciar a passagem do vendilhão de abacaxi. Ele se dava ao luxo de mercar:

-ABACA...

E um coro de dezenas de meninos completava, em uníssonos:

-Xiiiiiiiiiiiiiii!

Logo percebi que não era esta a sinfonia. Ao invés de um coro, dezenas de gritos simultâneos, partidos de lados diferentes, em variados tons, enchiam o ar:

- MARIA CACHORRA, maria cachorra, ma-ri-a ca-chorra, mariacachorra!

Era como um tiroteio de sons, de modo a desorientar qualquer vivente.

-Ubiratan, você está bulindo com Dona Maria Cachorra? Interrogou enérgica a minha mãe, do fundo da cozinha.

-Não senhora, só estou olhando.

-Então passe pra dentro, já!

Aquela era uma cena conhecida.

Dobrando a esquina, surgia um espantalho de mulher, magrela, sarará, meio negra e meio cabocla, com um bolinho de barriga do jeito de gravidez crônica, pele foveira, cabelos em lasca. Bêbada, cambaleante,

ela tentava responder com um soco no ar a cada um dos seus apupadores. Tonta da cachaça e da algazarra, ela imprecava em uma língua incompreensível, na verdade grunhidos que pareciam rosnados de cachorro. Para mais humilhar, os meninos a arremedavam:

-Au,au, au!

Como se combinado, minha mãe e uma vizinha chegam à janela para dispersar a turba.

-Moleques desocupados, respeitem os mais velhos!

Aliviada, Dona Maria Cachorra se desafoga do apedrejamento verbal, tenta se reaprumar em sua coluna já envergada, faz um gesto de agradecimento, sem olhar para as suas duas salvadoras, e segue o seu sinuoso passo na direção do Beco do Carvão.

O sofrimento daquela criatura provocava a revolta das mães de família no pedaço do Godinho. Aquilo era paixão. O culpado de tudo era Bastião, o português, pai dos filhos dela.

Desde cedo, foi-me contada toda a história para que nem passasse pela minha cabeça associar-me à malta escarnecedora.

Antes de ser Cachorra, ela fora simplesmente Maria, uma mocinha da Vila do Conde, dada a uma conhecida de sua madrinha, em Salvador, que fez a caridade de aceitá-la para o serviço doméstico. Uma escrava depois da abolição. Não deu outra, logo virou pasto dos filhos da patroa e dos amigos deles, da implacável turma do Largo da Saúde. Graxeira era pra isso mesmo, diziam. Sua patroa benfeitora, deu-a de presente a um pedreiro português, preocupada com a eventualidade de uma gravidez constrangedora para a sua família. Imagine o vexame de uma criança com a cara do avô!

O nome do novo dono de Maria era Bastião, dono de um pequeno depósito de carvão em um beco do Godinho, chamado de Vila Menina,

rapidamente rebatizado de Beco do Carvão em razão da prosperidade deste depósito. Era um imigrante que só pensava em trabalhar. Trabalhar para ganhar dinheiro. Dinheiro para juntar. Pecúlio para mandar para a santa terrinha, onde diziam ter deixado uma cachopa vestida de preto. Sua fisionomia jamais foi surpreendida em situação de sorriso. Amigos, não os tinha. Amizade era coisa dispendiosa. Comprar roupa nova para visitar a casa dos outros, nem pensar! Não cultivava as camaradagens fortuitas do balcão da venda de Serafim. Intimidades, conversa fiada, ter que pagar uma brama para alguém, tudo isso estava fora de cogitação. Namoro e casamento estavam fora de qualquer cogitação. Não se tem notícia de sua passagem pelo Beco do Girassol, na Baixa dos Sapateiros. Lá, as meninas de Jandira – bundosa putona! – entretinham os pequenos e grandes machos do Bairro da Saúde, a preços módicos. Em brega, nem de graça. Já pensou, pegar um cancro ou uma blenorragia? Um dinheirão de médico e remédio. Quando lhe deram aquela criatura, suas necessidades estavam satisfeitas. Uma empregada portadora de genitália era a solução mais segura e mais barata. Triste sorte, triste sina, triste ama; de carvão, de mesa e de cama.

Maria não sabia escrever um ó com um copo, mas era boa de conta. Ninguém a enganava. No balcão da carvoaria, não perdia o tanto das latas de gás e de manteiga que enchia para os fregueses. Bastião podia dedicar-se inteiramente às suas obras, com a certeza do dinheirinho limpo e sempre crescente.

Aqueles dois formavam um casal soturno, quase assombração. As fofoqueiras da rua, faziam mil conjecturas sobre a relação dos dois. Como nunca freqüentassem os aniversários, casamentos e festas de rua, Carnaval e São João, não havia pistas que dessem ar de verdade a mexericos. Será que eles se falavam? Ele batia nela? Ninguém sabe. Uma vez, ela apareceu com um olho desmentido, meio remelento. As más línguas imaginaram-no obra de Bastião, mas bem que podia ser

coisa do próprio negócio do carvão. Apesar de todas as especulações, uma coisa era certa: fizeram dois filhos,

- E não foi por obra e graça do Espírito Santo, Deus me perdoe a blasfêmia, dizia Dona Palmira, batendo na boca!

Silêncio, mistério, brutalidade, tudo excitava a imaginação dos moradores do bairro. A turma da esquadrilha da fumaça viajava a imaginação no caso de Bastião e Maria Cachorra. Bililico chegou a formular uma delirante teoria.

-Olha aí, galera. Se liguem nessa, carvão é feito do quê? De madeira e ervas, não é? Aquele pó de carvão pode dar barato. Maria Joana torradinha, sacaram?

Os cachaceiros da venda de Serafim, levavam tudo para o buraco da maldade. Era inimaginável, para eles, uma trepada entre a Maria Cachorra e o Bastião. Será que eles gritavam, será que se arranhavam, ou era só papai-e-mamãe? Nunca ninguém saberia. Zé do Violão, que sofria de males de amor, como todo bom poeta e seresteiro de esquina, dedilhava, em sua clássica seqüência de acordes lá menor-dó maior, o trecho do samba:

O português agora deu o fora,  
Foi-se embora  
E levou seu capital.  
Desprezou quem tanto amou outrora,  
Foi-se Adamastor pra Portugal,  
Pra se casar com a cachopa...

E não deu outra. Um belo dia, Bastião sumiu. Foi-se embora pra Portugal.



-Será que volta? – todos perguntam.

Naqueles mais de 15 anos, já tinha feito um pé-de-meia considerável. Comprou umas casinhas, que alugava. Construiu, como faziam os espanhóis, um pequeno edifício de dois andares, cerca de quatro apartamentos, um dos quais de moradia de Maria e dos filhos. Diziam que tinha dinheiro depositado no Banco de Minas Gerais, na Baixa dos Sapateiros.

- Como ia ficar esse patrimônio? – perguntavam vozes cobiçosas.

Bastião voltou. Com uma velhota gorducha de lenço preto na cabeça, pé de porrete como ele.

-Branca, sem graça, um pirão cru – dizia minha mãe.

Disse, pra quem conseguiu ouvir, que esta era a sua esposa. Comprou o andar de cima de uma casa confronte à nossa, onde instalou-se com a patrícia. Ela era a sua Maria Cachopa. Aos domingos, com roupa de ver-Deus, desfilavam de braço dado, em direção às igrejas do centro da cidade. Ela usava um sapato de salto largo e alto, ao modo de enfermeira nazista nos filmes do Jandaia. Ele ostentava calcanhares desproporcionados, que amarfanhavam o velho Passo-doble mal engraxado. Cada vez que eles passavam, minha mãe não perdia a oportunidade para exercitar o seu ultra-nacionalismo, na lembrança da História da Bahia.

-É por isso que o povo do tempo da Independência cantava:

Maroto pé de chumbo,  
Calcanhar de frigideira,  
Quem te deu a ousadia  
De casar com brasileira?

Não davam um bom dia para ninguém, e se dessem, ninguém responderia.

E Dona Maria Cachorra?

Ela foi para a rua. Rosnou, grunhiu, cuspiu, soluçou, chorou feroz a sua paixão, para que ninguém deixasse de ver e ouvir a sua lenta e pública destruição. Ela entrou na casa de cada um, e com ela a polêmica. Para os pais e maridos, aquele era um caso comum, mais uma dentre tantas mulheres largadas que desatina. Era caso de sanatório. Para as mulheres, era a humilhação de todas. Velha, feia, pobre e preta, era mulher e tinha coração. Certamente por isso, éramos todos obrigados a nos referir a ela, na ausência, na presença e in memoriam, sempre por extenso, como DONA MARIA CACHORRA, com todo o respeito.

---

**Bater boca** - discutir em voz alta, de maneira vulgar.

**Brama** - nome genérico de cerveja.

**Brega** - zona, mangue, meretrício.

**Bulindo** - bulir com alguém- ridicularizar outrem.

**Foveira** - suja, encardida e empoeirada como fera, fauve em francês. Galicismo.

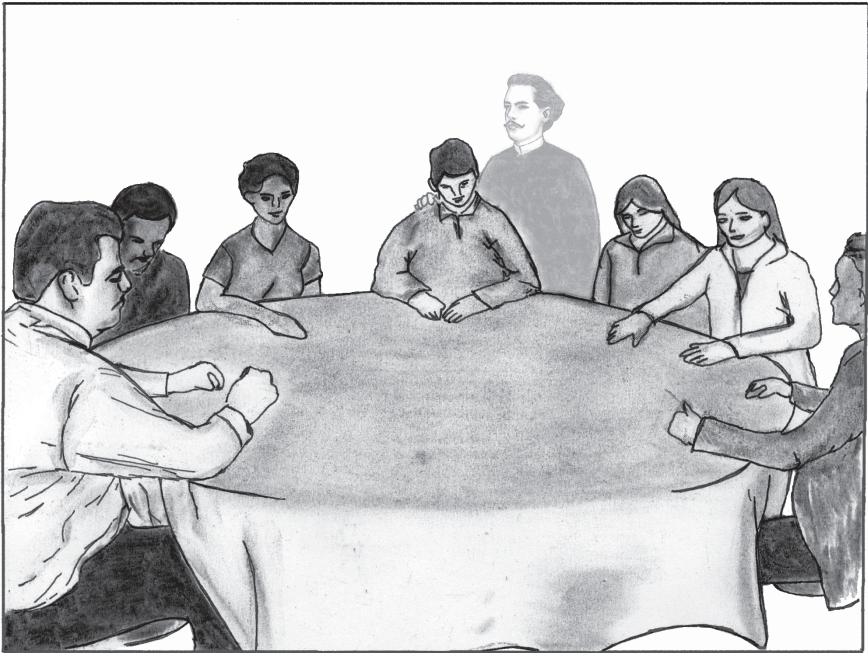
**Gaitadas** - risada gaiata, de deboche.

**Godinho** - Parte do Bairro da Saúde, em Salvador, localizado na encosta direita da Baixa dos Sapateiros.

**Graxeira** - tratamento pejorativo das empregadas domésticas, em Salvador.

**Latas de gás e de manteiga** - latas de flandre, originalmente usadas para a embalagem de querosene e de manteiga salgada, utilizadas na venda a retalho de carvão, de areia, arenoso e outros cereais.

## O PROTESTO DO POETA





Um desses dias, Catí convidou-me para ir a uma sessão mediúnica, no centro espírita que ele freqüenta. Bem maior que a solidariedade do cunhado era a curiosidade de voltar a uma sessão espírita. Lá se vão exatamente 40 anos que virei as costas para o espiritismo, logo depois que um tal Edvaldo, incorporado pelo Dr. Fritz, tentou me curar da obesidade à custa de colheradas de sargaço pisado em jejum. Argh! Preferi o materialismo, para desgosto do meu pai, um kardecista convicto da cientificidade do espiritual.

As sessões mediúnicas sempre foram um mistério em minha adolescência. Meu pai dizia que nelas circulava muita carga magnética, por causa da freqüência de espíritos malévolos e zombeteiros, prejudiciais aos menores de mente fraca. Para ver as maravilhosas manifestações dos espíritos, restavam-me as sessões familiares do "evangelho no lar", sempre às noites de quarta-feira, nas quais meu pai lia e predicava sobre o "Evangelho Segundo o Espiritismo", e minha mãe recebia o Caboclo Pena Branca, um irmão de luz sempre muito atento ao nosso desempenho escolar e às nossas companhias. Vez por outra, o Velho me levava às sessões do Dr. Pedro, um juiz negro aposentado que morava na Rua da Glória, bem perto do Godinho, nossa casa. Impressionava-me o desempenho do filho do dono da casa, um jovem negro e gordo como eu, cego, que incorporava o Caboclo Tibiriçá e outros guerreiros da aldeia. Falava uma língua embolada. Ficava sempre muito intrigado porque o caboclo do filho de Dr. Pedro falava fino e o caboclo de minha mãe falava grosso. Isso era por conta do mistério.

Bem verdade que o Velho fez tudo para que eu freqüentasse a União Espírita Baiana, mais conhecida como a sessão de Aurelino. Aos domingos pela manhã, havia sessões de doutrinação para jovens, longas e complicadas aulas sobre a Dialética do Espírito, de Hegel, ministradas

por um estudante universitário com cara de professor de matemática. Até que era interessante ouvir falar de um Deus racional, que duvidava ser mesmo divino, e para ter certeza disso precisou criar o seu oposto, nós matéria imperfeita, para, depois de tanta história, cair na real que é Deus mesmo. Mas a doutrina do domingo de manhã sofria a concorrência irresistível das pré-estréias dos cinemas Tupi e Jandaia. Imperdíveis! Graças a elas, tínhamos uma semana de vantagem nas conversas com os colegas de sala sobre as façanhas de Audie Murphy e Randolph Scott. Talvez por isso eu não me tenha formado um bom espírita.

Agora entendo que minha curiosidade resulta da falta de boas sessões mediúnicas, aquelas em que o copo anda, as cadeiras levitam e as pessoas se transportam. Estas, sim, eram experiências parapsicológicas!

\* \* \*

Aceitei o convite de Catí. No carro, ele falou-me da sessão de Seu Aloísio.

- Fica no Dique do Tororó, bem em frente aos Orixás do Tati Moreno.

-Sei, sei, na Usina!

-Não, não, um pouco mais pra lá.

O Dique Pequeno, assim chamava minha Mãe. Ainda me lembro como se fosse hoje. Era sempre muito excitante quando ela dizia:

-Hoje vamos fazer uma visita a Dona Jandira.

Era uma senhora educadíssima. Recebia-nos a velas de libra. Servia sempre umas bolachinhas de goma que derretiam na boca. Magrinha, com um cabelo comprido em trança, era a cara de Iemanjá, tal como

via nas imagens e nos retratos! Ela era de candomblé e enfermeira. Sei que tinha uns caboclos na vida dela. O que dava um toque clandestino às visitas era a especial circunstância que esta senhora tinha um filho com um tio meu, um primo da rua, cujo nome eu era proibido de pronunciar em qualquer conversa com os meus outros primos. Isso dava um gosto especial de jogar gude e fura-pé com ele.

Em um clima de curiosidade e de mistério, lá estava eu de novo, mais de cinqüenta anos depois, no Dique Pequeno, na sessão de Seu Aloísio. Era uma sessão muito conceituada, freqüentada por alguns dos mais respeitados médiuns da Vasco da Gama, do Rio Vermelho de Baixo e adjacências. O mais famoso deles era Seu Nonô das Gordas, aliás, Waldenor do Espírito Santo. Era um negro caprichoso, muito direito, que ostentava um saber profundo sobre o espiritismo. Diziam até, que ele aprendera francês para ler Alan Kardec no original. Era um tipo magro, meio careca, de rosto retilíneo, de uma qualidade meio caboverde. Seu apelido era auto-explicável. O motivo de sua fraqueza era muito singular: a atração irresistível por senhoras gordinhas.

Já fora contador de uma grande loja de modas na Avenida Sete de Setembro. Chegou mesmo à condição de interessado, quase sócio. Perdeu o emprego por faltar com respeito com a cunhada do patrão, Dona Zilá, uma senhora bem provida que manuseava com maestria os figurinos franceses. Foi sua perdição. Sempre teve uma tesão irresistível pelas gordinhas, e logo por aquela que entendia tão bem a língua do Grande Codificador do espiritismo. Lá se foi a carreira de empresário do Seu Nonô.

Também na contravenção não prosperou. Chegou a ser contador-chefe de uma fortaleza de bicho na Baixa do Bonfim, da inteira confiança de seu Delson. Mais uma vez procurou ousadia com Dona Linda, uma rechonchuda senhora que, na mesa branca recebia Joana Darc, e no Engenho Velho incorporava uma barulhenta Obá. Por desinformação, ele incorreu em dois agravantes. Não sabia que no mundo do jogo de

bicho, o respeito a um apostador que vai receber o seu prêmio era sagrado. Pior, não sabia que a Obá de Linda tinha um chamego com o Xangô de Seu Delson. Fatal, quase leva um tiro. Até hoje se arrepende de ter passado a mão na bunda daquela senhora. Hoje, resignado, ganha sua vida como contador da loja de ferragens de seu Carmo, na Conceição.

Na sessão de Seu Aloísio, tudo isto se transforma. De Nonô das Gordas, motivo de deboche em toda a Vila América, vira o médium que recebe Castro Alves, Victor Hugo e outros espíritos franceses que conviveram com o Codificador.

Outro fenômeno é o Professor Albergaria. Este sim um homem estudado, brancão, doutor de tese e diploma, fluente e escrevente na língua do Codificador. Apesar do currículo admirável, dedicou a sua vida à gaiatice e ao escárnio geral. Não bebe, não fuma, não fornicava. O seu prazer sempre foi verbal. Observa e divulga todos os defeitos alheios e faz disso a sua etnografia. Os confrades acreditam que o professor saiu do sério por causa do convívio com o espírito que ele recebe. Ypiranga, esta é a entidade. Em vida fora um negão, torcedor fanático do auri-negro baiano, amigo de Isaltino, grande craque ipiranguense. Enchia o rabo de cachaça quando o Ypiranga ganhava, e quando perdia também. De tão fanático, terminou trabalhando para Seu Cristóvão, da Transportadora Ypiranga, que mantinha um ônibus funerário para o transporte gratuito de defuntos e para a correspondente aquisição de votos. Por força desta opção profissional e clubística, Ypiranga terminou embarcando e desembarcando mais de mil defuntos. Absorveu assim todas as exclamações emocionadas.

-Tão bom, Deus levou!

- Já vai tarde!

- E agora, quem vai dar um nome a meu filho?

- Mocréia!



- Um bom marido, mansinho, mansinho...
- A viúva tá liberada!
- Me perdoe meu bem, não precisava fazer isso!

Quanta dor, quanta carga negativa! Só podia ser o que é, um espírito zombeteiro, perturbador de todas as manifestações mediúnicas na sessão de Seu Aloísio. Ele não poupava nem Castro Alves.

\* \* \*

Neste dia, depois de preces e concentrações, Seu Nonô entrou em trabalho mediúnico. Pálpebras cerradas, voz embargada, o espírito identificou-se: era Antônio de Castro Alves em poesia e verdade. Cati fez a maior festa.

- Castro Alves! Você namorou uma parenta de papai, Dona Brasília, da Rua do Bângala ! Em sua memória, ela ficou invicta, moça velha, e criou dois meninos pobres, Dodô Gordo e Dodô Pequeno.

- Irmão, no plano em que eu estou, não posso mais reviver estes sentimentos carnis. Isto retarda a minha caminhada de luz. Disse o poeta.

- Quá, quá, quá, qual é Cecéu? Brochou!

Eis que surge Ypiranga à mesa, tossindo e fungando. E todos sentimos o bafo da saudosa aguardente Jacaré, a mais cara e a mais procurada.

-Que moral de jegue é essa Cecéu? Continuou Ypiranga.

- Você continua encostado em duas senhoras muito respeitadas: Dona Conceição Condé e Dona Mira Braga. A primeira guarda a sete chaves uma mecha do seu cabelo, e a outra gasta tinta com a sua biografia. Pais de família, fechai as portas que espírito de Don Juan continua a passar!

-Oh espírito da maledicência! Não vês que jamais importunaria senhoras de tão vasta cultura e de reputação ilibada. Mais a mais, não seria o segundo em qualquer paixão. A primeira destas senhoras incorpora um germânico mofino que fala Tupi. Pasmem! A segunda incorpora o Jorge Amado, companheiro de letras mundanas, que quase me convencia a freqüentar a Dona Flor. Não, absolutamente não! Apaixonada de amigo, para mim é homem.

Seu Aloísio interveio, providencialmente, para evitar que o Ypiranga monopolizasse o diálogo com o Poeta.

-Irmão poeta, a que viestes aqui? Todos acreditávamos que vossa caminhada já estivesse mais avançada, na direção do seu progresso espiritual. Porque não aceitastes uma nova encarnação? Muitos acreditavam que estivesse reencarnado em um professor da Faculdade de São Lázaro, também poeta, de basta cabeleira branca. Irmão, é preciso desligar-se da vida passada para seguir o seu caminho de luz!

- Irmão Presidente. Das minhas paixões já acalmei meu coração; da minha tuberculose, já me aliviei; mas da luta pela redenção da raça negra não consigo desligar-me. Tanto que lutei pela abolição e hoje vejo o povo negro empobrecido, rebaixado e revoltado. Devo continuar o meu apostolado!

- Qual é poeta. Você é mesmo um descompreendido. Você é branco, do século dezenove e abolicionista. A negrada de hoje prefere ouvir falar do Cão que de abolição. A bola hoje está com o Movimento Negro Unificado. Não há mais lugar para poetas condoreiros. Os poetas de hoje são quilombolas. Você precisa ler Edson Cardoso e Jônatas Conceição.

- Afinal, que defeito tem a minha poesia? - falou o poeta através a garganta rouca de Nonô.

- Quanto à minha pessoa, nada fiz que envergonhe a minha vida - continuou. Sou branco como o meu avô, o Periquitão do Sertão

da Bahia. Republicano, revolucionário, lutou lado a lado com os negros pela Independência da Bahia. Fui fiel ao seu legado político. Jamais cedi à tentação de acomodar-me à monarquia. Não me troco pelo Machado, que vocês tanto incensam, um passivo diante da escravidão e da monarquia. Acho muita graça em vocês, quando tentam identificá-lo como negro, o que ele em vida jamais pretendeu. Fui e sou abolicionista, o que em meu tempo era sinônimo de socialista. Que mal há nisso, do que me acusam?

Fronte molhada de suor, veias latejantes nas têmporas e no pescoço, pálpebras cerradas e mãos trêmulas, tudo em Nonô demonstrava a emoção que lhe transmitia o poeta incorporado.

- O poeta rodou a baiana. Comentou, comportado, Ypiranga.

Mais uma vez o presidente da sessão interveio para acalmar os espíritos e para devolver a palavra ao poeta manifestado.

- Respeito muito a luta contra o racismo de hoje em dia e os esforços para reparar todos os seus efeitos. Mas exijo respeito para a luta de nossa geração que viveu sob o regime da escravidão e insurgiu-se contra ela. Denunciei o seqüestro dos filhos do seio das mães, os castigos corporais, os assassinatos, as humilhações. Cantei o direito à vingança das vítimas do cativo. Não vos quero enfadar com os meus poemas, mas, por favor, escutem algumas estrofes do meu Bandido Negro:

Trema a terra de susto aterrada...  
Minha égua veloz, desgrenhada,  
Negra, escura nas lapas voou.  
Trema o céu...ó ruína! ó desgraça!  
Porque o negro bandido é quem passa,  
Porque o negro bandido bradou:  
Cai, orvalho de sangue do escravo,  
Cai, orvalho, na face do algoz,

Cresce, cresce, seara vermelha,  
Cresce, cresce, vingança feroz.

-E disse mais:

Somos nós, meu senhor, mas não tremas,  
Nós quebramos as nossas algemas  
Pra pedir-te as esposas ou mães.  
Este é o filho do ancião que mataste,  
Este - irmão da mulher que manchaste...

-E concluí:

Trema o vale, o rochedo escarpado,  
Trema o céu de trovões carregado,  
Ao passar da rajada de heróis,  
Que nas éguas fatais desgrenhadas  
Vão brandindo essas brancas espadas,  
Que se amolam nas campas de avós.  
Cai, orvalho de sangue do escravo,  
Cai, orvalho na face do algoz.  
Cresce, cresce, seara vermelha,  
Cresce, cresce, vingança feroz.

Com palmas compassadas, em gesto bem debochado, ao estilo de seu médium, o professor Albergaria, Ypiranga contra-atacou:

- Qual e Cecéu! Nem eu, nem o movimento negro comemos essa bola. Você recitava esses seus versos para moçoilas rendadas e jovens engravatados que jamais viram um guerreiro quilombola. Para que serviram os seus versos, ó poeta dos escravos?

Apoiado na beira da mesa, Nonô levantou-se, e de sua boca saíram palavras do poeta:

- Tenha paciência, senhor Ypiranga, se não sabes para que serviram os meus versos é porque ignoras a história. Estes meus versos

moveram a ação de moçoilas e janotas, que esconderam os escravos que arrombaram porteiras e mataram feitores, e os conduziram a quilombos seguros. Aqui mesmo nas terras da Bahia, estes meus versos animaram os do Clube Carijé, da Vila da Cachoeira, a apoiarem o levante dos cativos do Outeiro Redondo, na Freguesia de São Félix, em 1887. Estes são fatos e datas, senhor Ypiranga! Quilombos, eu os conheci. Fui o primeiro a cantar Palmares:

Nos altos cerros erguido,  
Ninho de águias atrevido  
Salve! -país do bandido!  
Salve! -pátria do jaguar  
Verde serra, onde os Palmares  
-Como indianos cocares  
No azul dos Colúmbios ares,  
Desfraldam-se em mole arfar!

Salve! Região dos valentes  
Onde os ecos estridentes  
Mandam aos plainos trementes  
Os gritos do caçador!  
E ao longe latidos soam,  
E as trompas de caça atroam...  
E os corvos negros revoam  
Sobre o campo abrasador!...

Palmares! A ti meu grito!  
A ti, barca de granito,  
Que no soçobro infinito,  
Abriste a vela ao trovão  
E provocaste a rajada,  
Solta a flâmula agitada,

Aos urros da marujada,  
Nas ondas da escuridão!

De bravos soberbo estádio!  
Das liberdades paládio,  
Tomaste o punho do gládio,  
E olhaste rindo para o val.  
"Surgi de cada horizonte,  
Senhores! Eis-me de frente!"  
E riste...O riso de um monte!  
E a ironia de um chacal!

Cantem eunucos devassos  
Dos reis os marmóreos paços,  
E beijem os férreos laços,  
Que não ousam sacudir...  
Eu canto a beleza tua,  
Caçadora seminua,  
Em cuja perna flutua  
Ruiva a pele de um tapir!

Crioula! O teu seio escuro  
Nunca deste ao beijo impuro!  
Fugidio, firme, duro,  
Guardaste-o pra um nobre amor.  
Negra Diana selvagem,  
Que escutas, sob a ramagem,  
As vozes que traz a aragem,  
Do teu rijo caçador!

Salve! – Amazona guerreira!  
Que nas rochas da clareira,  
-Aos urros da cachoeira  
Sabes bater e lutar...

Salve! –nos cerros erguido-  
Ninho, onde em sonho atrevido,  
Dorme o condor...e o bandido,  
A liberdade... e o jaguar!

–Nada mais tenho a dizer. Vou subir – disse o poeta – que o meu médium está muito cansado. Peço apenas justiça para a minha poesia. Julguem cada tempo no seu tempo, e guardem todos os tempos na memória do povo.

\* \* \*

Terminada a sessão, pairava um grande peso sobre todos nós. Nonô suava muito e era reconfortado por sua Gorda atual. O professor Albergaria continuava a fazer as suas gracinhas:

– Imagine, Diana Selvagem! As nêguinhas de hoje são todas periguetes. Só querem saber do arrocha!

Ninguém tinha mais paciência para deboches.

Por um instante recrimei-me por nada ter dito ao poeta. Ia dizer o quê? Pior seria prometer providências a um espírito tão ilustre e não poder cumprir. Não, isso não! É atraso de vida, na certa. Ainda assim, pensei em algumas ações que poderiam levar estes versos libertários às grandes massas. Quem sabe, se convencêssemos João Jorge a adotar a poesia de Castro Alves como tema de um carnaval do Olodum? Melhor seria se a Rede Globo fizesse uma mini-série de televisão sobre a vida heróica do Poeta. São possibilidades...

Tocam estridentes os celulares.

– Catí, são as nossas Rádio-patroas! Vamos embora!

Este livro foi publicado no formato 16x23 cm  
Com as fontes *Goudy Old Style* no corpo do texto e *Univers* nos títulos  
Miolo em papel 75 g/m<sup>2</sup>  
Tiragem 800 exemplares  
Impresso no setor de reprografia da EDUFBA  
Impressão de capa e acabamento:  
ESB Serviços Gráficos